UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ALESSANDRA MARQUES C. DA FONTOURA

COMUNICAÇÃO E CIDADE :

MIGRAÇÕES CEARENSES NO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO
2 0 0 7

ALESSANDRA MARQUES C. DA FONTOURA

COMUNICAÇÃO E CIDADE : MIGRAÇÕES CEARENSES NO RIO DE J ANE IRO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. João Luis de Araújo Maia

RIO DE JANEIRO
2007

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDESIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

F684 Fontoura, Alessandra Marques C. da
Comunicação e cidade : migrações cearenses no Rio de Janeiro / Alessandra Marques C. da Fontoura. - 2007.
98 f.

Orientador: João Luis de Araújo Maia
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Comunicação Social.

1. Comunicação – Teses. 2. Migração Interna – Teses. 3. Urbanização – Teses. I. Maia, João Luis de Araújo. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

CDU 316.77

FOLHA DE EXAME

Alessandra Marques C. da Fontoura

COMUNICAÇÃO E CIDADE: MIGRAÇÕES CEARENSES NO RIO DE JANEIRO

Dissertação apresentada como requisito a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. João Luis de Araújo Maia (Orientador)
Faculdade de Comunicação Social da UERJ

_____

Prof. Dr. Fernando Gonçalves
Faculdade de Comunicação Social da UERJ

_____

Prof. Dr. Fernando Resende
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2007

Para Francisca Fontoura, avó que permanece.

AGRADECIMENTOS

"(...) Esse eu que é vós pois não agüento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé, tão tonto que sou, eu enviesado(..)".

(Clarice Lispector, em *A Hora da Estrela*)

Aos meus pais, Alexandre e Márcia, pelo amor e apoio em todos os momentos;

Aos meus irmãos, Susana, Márcio e Tiago, por me ensinarem a dividir;

A Waléria Américo, por me mostrar que o amor pode ser simples;

Ao querido professor João Maia, por acreditar neste trabalho desde o início e pelas orientações generosas;

Aos professores Ricardo Freitas, Fernando Gonçalves, Fernando Resende e Márcio Gonçalves, pelas contribuições fundamentais;

A Vânia Maria Dutra Melo Sousa e Tereza Cândida, pelo apoio à minha viagem ao interior do Ceará, no decorrer desta pesquisa;

A Amélia Fontoura, pela disponibilidade e amor;

À minha queridíssima avó Elizeth, por acreditar que para tudo há um jeito;

Às "Marques" Roberta e Luisa, pelas conversas infinitas e pelo incentivo;

Aos amigos Enrico Rocha, Eduardo Rocha Lima, Clarisse Furlani, Galciani Neves, Helena Félix, Mariana Smith, Karine Rodrigues, Karine Studart e Ana Lattanzi, por estarem ao meu lado, cada um à sua maneira, durante este ciclo que agora se fecha.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a relação entre comunicação e migração observada a partir do estudo de um grupo de cearenses que residem na cidade do Rio de Janeiro e trabalham como garçons. Nesta pesquisa, a comunicação, tratada como um processo cultural, que contempla a partilha de sentidos, revela-se como prática social que contribui para manter ativo o fluxo migratório de cearenses para o Rio de Janeiro. Especificamente, analisamos as representações sobre o Rio de Janeiro que circulam através das narrativas orais compartilhadas entre as pessoas que já migraram e os conterrâneos que têm interesse em migrar.

Palavras-chave: Comunicação. Cidade. Migração. Ceará. Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This work is about the relation between communication and migration. More specifically it is based on researches made with a group of people who migrated from the state of Ceará to inhabit in the city of Rio de Janeiro to work as waiters. In this research the communication is treated as a cultural process. This sort of communication is revealed as social “codes” that contributes to maintain the migratory flow of people from the state of Ceará to Rio de Janeiro. We have focused our research and analyzed how Rio de Janeiro is represented through the verbal narratives shared between those who have migrated and those who have interest to migrate.

Keywords: Communication. City. Migration. Ceará. Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

Introdução 10

Capítulo I - O mundo torna-se urbano: crescimento das cidades e invenção do outro 13
1.1 - Rio de Janeiro no século XIX: modelos de civilidade e progresso 17
1.1.1 - É difícil ser Paris: Rio de Janeiro multicultural 19
1.2 - Representações de civilidade e progresso: narrativas dos jornais 21
1.2.1 - Identidade nacional: de Joaquim Nabuco a Mário de Andrade 25
1.2.2 - Ideal de unidade, ordem e civilização 26

Capítulo II – Cidade multicultural: lugar de migrantes 32
2.1 - Em busca dos garçons cearenses: seleção dos entrevistados 36
2.2 - (Quase) todo garçom é do Ceará: entendendo o fenômeno 38
2.3 - Os garçons cearenses: o cotidiano na capital carioca 45

Capítulo III - Migração no Brasil: Rio de Janeiro como destino 52
3.1 – Discursos sobre o deslocamento: relatos teóricos e narrativas migrantes 57
3.1.1 - Representações sobre o cearense migrante: um olhar cultural 63

Capítulo IV - Migração e comunicação 65
4.1 - Escola de Palo Alto: é impossível não comunicar 66
4.2 - Narrativas de convencimento: diga-me como é o Rio que eu vou 71
4.2.1 – Os pequenos relatos e o imaginário migrante sobre o Rio de Janeiro 75
4.2.2 - Rio de Janeiro: a imagem da cidade quando se chega 85

Considerações finais 90

Referências bibliográficas 95

INTRODUÇÃO

Aqui tem início a história que desejamos contar. Um relato sobre as narrativas a respeito da cidade do Rio de Janeiro compartilhadas entre pessoas que possuem em comum duas condições: terem nascido no Estado do Ceará e migrado para a capital carioca, onde trabalham como garçons. Na presente pesquisa, essas representações sobre a cidade, que circulam através das narrativas, revelaram-se como prática social que contribui para a manutenção do fluxo migratório entre o Ceará e o Rio de Janeiro. Essas narrativas, conforme deixaremos claro ao longo do texto, possibilitam abordar a questão da migração como um processo comunicacional.

A escolha dos sujeitos desta pesquisa – os garçons – merece ser explicada de pronto. Origina-se em uma curiosa tradição que habita no Rio de Janeiro: a grande maioria desses "profissionais das bandejas" tem como cidade natal algum município do Ceará. Nesse sentido, optar por esse grupo para o desenvolvimento da presente dissertação nos permite tentar compreender meandros da cultura migratória de cearenses para o Rio de Janeiro e ampliar discussão para a relação que os garçons cearenses estabelecem entre si e com a cidade eletiva. No tópico 2.1 do presente texto, constam detalhes metodológicos sobre as entrevistas, bem como informações pertinentes a respeito da seleção dos entrevistados.

No corpo do trabalho, mencionaremos, quando oportuno, a metodologia utilizada em cada fase da pesquisa. Antecipamos, entretanto, que, além de entrevistas com os sujeitos da pesquisa, realizadas no Rio de Janeiro, de outubro de 2006 a janeiro de 2007, durante o desenvolvimento desta dissertação, realizei uma viagem para o interior do Ceará, a fim de ter acesso à outra ponta deste processo migratório. No tópico 4.2.1, essa experiência é relatada.

Contaremos a nossa história em quatro capítulos. O primeiro contempla a urbanização das cidades e os valores que passaram a circular a partir desse processo, iniciado no século XIX. Nesse capítulo, a partir da oportuna contribuição de Santiago Castro-Gomez sobre a

"invenção do outro", abordamos traços subjetivos dos projetos de transformação das cidades, cujos contingentes populacionais aumentaram progressivamente com a chegada de migrantes. Partindo deste olhar mais geral, ainda no Capítulo I, tecemos considerações sobre a repercussão, no Brasil, do imaginário que nasce e circula a partir dos avanços científicos e tecnológicos ocorridos na Europa. De um lado a vertigem da modernidade, com seus ganhos; do outro, a exclusão e o autoritarismo das medidas disciplinares. Na última parte do primeiro capítulo, recuamos ao início do século XIX, a fim de ressaltar pontos relevantes da trajetória de construção de uma identidade nacional para o Brasil, cujo estandarte foi a cidade do Rio de Janeiro.

No segundo capítulo, nossa atenção se volta para a cidade contemporânea como lugar cosmopolita por excelência e de circulação de sentidos. Em seguida, apresentamos o conceito de cidade a partir de categorias sugeridas por Louis Wirth e prosseguimos com uma reflexão sobre as relações sociais citadinas, que servem como ponte para o início da discussão sobre os migrantes cearenses na cidade do Rio de Janeiro, representados no presente trabalho pelos garçons. Ainda no Capítulo II apresentamos alguns caminhos para uma melhor compreensão do "fenômeno" dos garçons cearenses no Rio de Janeiro. Neste momento, o material obtido com as entrevistas realizadas com os garçons começa a aparecer de forma mais explícita no trabalho. Nas declarações dos entrevistados, a explicação para a predominância de cearenses trabalhando no ramo de bares e restaurantes da cidade surge quase sempre associada à questão da migração. Em palavras simples, a justificativa geral é que "um vai trazendo o outro".

No Capítulo III, traçamos um panorama sobre o processo migratório no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro, realizando também uma reflexão polifônica sobre a migração, a partir de declarações de teóricos envolvidos com o tema e relatos dos próprios garçons sobre a sua experiência migratória. Neste ponto do trabalho, as declarações dos entrevistados nos

fornecem um olhar particular sobre a migração, que contribui para um melhor entendimento sobre a questão.

No Capítulo IV, nosso olhar se volta para a relação entre migração e comunicação. A partir do entendimento de que comunicar é partilhar sentidos, conforme defende a Escola de Palo Alto, enfatizamos o papel dos relatos pessoais como prática social fundamental para a manutenção do fluxo migratório entre a cidade do Rio de Janeiro e a região noroeste do Ceará. A força desses relatos no processo de tomada de decisão para migrar apareceu durante as entrevistas com os garçons quando eles disseram que o que sabiam sobre o Rio de Janeiro era o que as pessoas que já haviam migrado contavam quando voltavam à cidade natal. A essas histórias contadas por conterrâneos a conterrâneos, demos o nome de "narrativas de convencimento".

Ao longo do Capítulo IV, partimos das representações contidas nas narrativas para tentar chegar mais próximo do imaginário que esses cearenses tinham sobre o Rio de Janeiro antes de se tornarem migrantes. Nas entrevistas, nosso desejo também foi dar conta da imagem que esses migrantes tiveram sobre a cidade quando de fato chegaram nela. Destacamos durante o texto que as representações sobre a cidade do Rio de Janeiro que circulam através das narrativas não são entretanto a única fonte de conhecimento prévio sobre a cidade. Dedicamos assim espaço na discussão sobre a presença das representações contidas nos meios de comunicação na formação dos imaginários sobre a cidade do Rio de Janeiro para aqueles que ainda não conheciam a cidade.

Assim, a história que iremos contar ao longo de quatro capítulos representa um olhar sobre a migração de cearenses no Rio de Janeiro. Representa também uma tentativa de chegar mais próximo do cotidiano desses migrantes e dar vez e voz às suas vivências no mundo.

Capítulo I - O mundo torna-se urbano: crescimento das cidades e invenção do outro

Século XIX. A divisão especializada do trabalho, decorrente da Revolução Industrial, entre outras conseqüências, causou grande deslocamento da população rural para os núcleos urbanos, configurando gigantescas ondas de migração em todo o mundo. Até então, as cidades abrigavam apenas cerca de 20% da população mundial. Dos anos 1850 em diante, as nações ocidentais, predominantemente rurais, passaram por grandes transformações. Cerca de 100 anos depois, países como Alemanha e Estados Unidos possuíam elevada densidade populacional em áreas urbanas de destaque, como Berlim e Nova York.

No Brasil, o processo de urbanização teve início no final do século XIX e se configurou ao longo do século XX, marcando, progressivamente, a passagem de uma sociedade com características rurais para um modelo urbano-industrial.

> "A equivalência histórica entre o processo de crescimento urbano e industrial e a migração interna colabora com o argumento de que os fluxos populacionais são importante indicativo do processo de integração das regiões no âmbito do desenvolvimento produtivo e das relações de trabalho".(BRAGA, 2006: 1-2)

Nas cidades em expansão, seja no Brasil, na Europa ou nos Estados Unidos, havia mais postos de trabalho e a necessidade de um número considerável de mão-de-obra. Esse dado referente à urbanização nos motiva como ponto de partida para observar a migração a partir das subjetividades que se localizam no movimento campo-cidade. Antes de prosseguirmos, achamos pertinente desenvolver um breve relato sobre as regras abstratas propostas pelas ciências sociais que serviram para legitimar práticas políticas reguladoras do Estado.

> A matriz prática que dará origem ao surgimento das ciências sociais é a necessidade de "ajustar" a vida dos homens ao sistema de produção. Todas as políticas e as instituições estatais (a escola, as constituições, o direito, os hospitais, as prisões, etc.) serão definidas pelo imperativo jurídico da "modernização", ou seja, pela necessidade de disciplinar as paixões e orientá-las ao benefício da coletividade através do trabalho. A questão era ligar todos os cidadãos ao processo de produção mediante a submissão de seu tempo e de

> seu corpo a uma série de normas que eram definidas e legitimadas *pelo conhecimento*. As ciências sociais ensinam quais são as "leis" que governam a economia, a sociedade, a política e a história. O Estado, por sua vez, define suas políticas governamentais a partir desta normatividade cientificamente legitimada. (CASTRO-GOMEZ, 2005).

Para Castro-Gomez, a ação do Estado em impor certos perfis de subjetividade conduz ao que ele denomina de a "invenção do outro". O ato de inventar alteridades, porém, seria não somente a forma como as pessoas representam mentalmente umas às outras, mas contemplaria também os dispositivos de saber/poder que desencadeiam a construção dessas representações. Nesse sentido, o problema do "outro" demanda uma abordagem teórica realizada no âmbito do processo de produção material e simbólica verificado nas sociedades ocidentais a partir do século XVI (CASTRO-GOMEZ, 2005). Sempre que oportuno, seguiremos, a partir do que propõe Castro-Gomez, identificando, dentro do movimento de transformação das cidades européias, norte-americanas e brasileiras, passagens em que a invenção do outro serve como motor ou simplesmente justificativa para o processo de urbanização dos grandes centros.

Em Richard Sennett encontramos uma possibilidade primeira de articular a discussão sobre criação de alteridades e o processo de transformação urbana. Trata-se de um episódio da ciência ocorrido em 1628 quando o médico britânico Willian Harvey (1578-1657) descobriu que o coração, por meio das artérias do corpo, bombeava o sangue, recebendo-o das veias, para novamente ser bombeá-lo. O que parece óbvio nos dias atuais à época significou a quebra de um paradigma até então cristalizado de que o sangue corria no corpo por conta da temperatura deste (SENNETT, 1994: 216).

Sennett explica que a descoberta de Harvey refletiu na forma das cidades em expansão, visto que, nos projetos de reformulação das urbes, houve uma transposição das descobertas sobre o funcionamento do corpo humano para o ambiente externo. Assim, no século XVIII, construtores e reformadores priorizaram a realização de obras que facilitassem a liberdade do trânsito das pessoas e o seu consumo de oxigênio. A cidade passou a ser imaginada então como uma grande articulação entre artérias e veias contínuas, através das

quais os habitantes circulavam livremente, tais como hemácias e leucócitos no plasma saudável.

Compreendemos essa relação entre a descoberta científica e os conceitos presentes nos projetos urbanos como uma forma "invenção do outro", na medida em que um episódio da ciência passou a determinar as regras a serem seguidas por outra instância da sociedade. Podemos dizer inclusive que a descoberta configura-se nesse ato de apropriação como um dispositivo de saber/poder, sobre o qual Castro-Gomez se refere, que está para além de uma simples analogia entre medicina e urbanismo.

Na prática, a nova forma das cidades contribuiu para uma maior circulação de pessoas e de símbolos, permitindo ainda que outras representações sobre a vida urbana fossem criadas, como o imaginário em torno da mobilidade. Por conta das tendências as quais ditavam que circular era uma forma de se obter rapidamente benefícios físicos e mentais, as transformações urbanas configuraram-se como uma espécie de marketing do movimento.

> "O espaço ocupado pela liberdade consumava a crença iluminista no direito de ir e vir; o passo seguinte teria de ser dado em ruas em que o movimento fluísse em praças concebidas como pulmões desobstruídos podendo respirar livremente" (SENNETT, 1994: 241).

Nas cidades do século XIX, os ideais de movimento e liberdade, para serem incorporados ao cotidiano, acabavam por envolver um número crescente de pessoas para trabalhar nas obras em construção e em outras funções. Como os centros urbanos ainda não dispunham de gente para realizar tais tarefas, era do campo que elas vinham. Assim, nesse processo de modernização das cidades, a migração surge como elemento integrante de um grande sistema, participando ativamente da expansão de vários setores sociais.

As promessas de vida melhor, bem como a possibilidade de aumento na remuneração, atraiam os migrantes para as cidades. Os novos habitantes acumulavam-se no espaço urbano, tentando se adaptar à vida longe do cotidiano do campo. Aprender a ser da cidade era preciso. Entretanto, o eldorado urbano revelava as suas contradições: mesmo nos setores trabalhistas

em expansão, como o da construção civil, o crescimento da reserva superou a demanda, e, conseqüentemente, os salários caíram. Numa cidade como Paris, no século XVIII, por uma via, a prosperidade ascendia, contemplando poucos cidadãos. Na contra-mão, tinha-se uma grande massa popular que renovava seus sentidos diante da desigualdade (SENNETT, 1994: 230).

No processo de urbanização e adaptação à vida citadina, estar no mundo causava estranhamento, pois a rotina passava a ser determinada por uma ordem exterior à própria escolha. A natureza deixa de ser a regente do tempo no qual ocorrem as ações cotidianas. Em meio às mudanças, a constituição de novas sensibilidades. O tempo, agora, abstrato e linear, a ser produtivamente aplicado, torna-se o tempo do trabalho, que subjuga o homem por estar preso à lógica do patrão. Na atividade do trabalho, o homem passa a ser parte de um processo que objetiva repor a própria produção e como se não bastasse esse distanciamento do produto final há ainda modificações nos sistemas trabalhistas. Rompe-se a relação entre mestre-artesão e seu aprendiz e estabelecem-se vínculos impessoais de trabalho, através da relação patrão-operário (BRESCIANI, 1985: 38).

A sensação de estranhamento diante das mudanças na vida cotidiana foi causada também pela arbitrariedade que deu o tom da maioria dos projetos reformuladores das cidades. Essa arbitrariedade pode ser compreendida também como uma forma de se criar um modelo ideal, representante do progresso e da modernidade, com grandes chances de virar regra a ser seguida em outras cidades. Nesse sentido, algumas particularidades podem ser apresentadas. O centro, por exemplo, de lugar de moradia foi transformado em passarela para os carros desfilarem livremente, evidenciando o caráter elitizado das mudanças, executadas para a felicidade de poucos. Quem residia na área foi deslocado para os subúrbios. Dois cenários para um mesmo espaço: de dia, diversidade, movimento no comércio, densidade populacional; à noite, dispersão e silêncio. Como umas das conseqüências desta nova

configuração notam-se relações sociais menos íntimas, mais pulverizadas, visto que não havia mais o contato entre os vizinhos, porta com porta. Era o projeto moderno redesenhando as sociabilidades na cidade (SENNETT, 1994: 273).

A urbanização do mundo, iniciada nas cidades européias no século XVIII, continuou em processo. Alguns anos mais tarde, o olhar da América se volta para o seu "outro", a Europa. Em meados de 1920, Nova York passa por uma transformação urbana semelhante ao registrado em Paris e Londres. As mudanças são lideradas pelo urbanista Robert Moses, que se apropriou arbitrariamente da malha urbana existente e priorizou a locomoção dos automóveis, comprometendo inclusive a viabilidade de tudo o que já existia (SENNETT, 1994: 293).

1.1 - Rio de Janeiro no século XIX: modelos de civilidade e progresso

No Brasil, a partir de 1850, enquanto a Europa se urbanizava, intensificou-se uma pressão sobre o tráfico de escravos africanos, prática incompatível com a imagem de país civilizado que o Império brasileiro sempre tentou construir. Os números impressionavam: em um contingente populacional de 250 mil habitantes, cerca de 110 mil eram escravos. O tráfico, então, passou a ser proibido e as vultosas quantias empregadas nesse comércio começaram a ser aplicadas em outras instâncias. Infra-estrutura e transportes ferroviários foram os setores mais beneficiados com recursos financeiros. O período, conhecido também com a "era Mauá", caracterizou-se também por investimentos volumosos na área financeira e industrial. Na época, as estradas de ferro estavam entre os empreendimentos que mais concentravam esforços no Brasil, simbolizando o avanço e o progresso das nações (SCHWARCS, 1998: 102).

No Rio de Janeiro, esses investimentos proporcionaram a construção de edifícios monumentais, bem como a abertura de amplas avenidas, trazendo a reboque outras melhorias:

arborização, iluminação a gás, abastecimento domiciliar de água, bondes puxados por burros. Surgiram também novos hábitos de consumo. Na Rua do Ouvidor, foram inauguradas lojas de modistas francesas, joalherias, confeitarias, cafés, restaurantes, livrarias e casas de banho, transformando-a "no símbolo dileto dessa nova forma de vida em que se pretendia, nos trópicos, imitar a mesma sociabilidade das cortes ou dos mais recentes bulevares europeus" (SCHWARCS, 1998: 107).

Infra-estrutura, transportes, moda e costumes carregavam uma marca em comum: eram inspirados nos projetos executados em grandes cidades européias. Porém apresentavam diferenças. Se, nas obras urbanas, bastava um plano arbitrário para transformar o espaço, no plano cultural o caminho para se incorporar ao cotidiano brasileiro comportamentos parisienses era mais tortuoso. Talvez por isso a necessidade de gramáticas de "boas maneiras", que traziam por escrito o que era praticado nas cortes européias. Esses guias, que revelavam as aspirações de uma época e os limites nas concepções de higiene e de sociabilidade, chamavam atenção também para a fragilidade dessa recente corte que mal tivera tempo para criar uma civilização particular. No Brasil, primeiro surgiu a forma e em seguida o conteúdo, fazendo com que a corte brasileira se constituísse quando os hábitos já estivessem regrados (SCHWARCS, 1998).

Diante do contexto acima descrito, é oportuna a reflexão de González Stephan (1996), citada por Castro-Gomez, que identifica três práticas que contribuíram para forjar os cidadãos latino-americanos do século XIX: as constituições, os manuais de urbanidade e as gramáticas do idioma. A legitimidade destas tecnologias de subjetivação localiza-se na escrita, capaz de construir leis e identidades nacionais, planejar programas modernizadores, organizar a compreensão do mundo em termos de inclusões e exclusões. Assim, o projeto de nação é executado a partir da implementação de instituições legitimadas pela letra, como escolas, hospitais, oficinas, prisões, e de discursos hegemônicos, tais como mapas, gramáticas,

constituições, manuais, tratados de higiene. Estes recursos acabam por regulamentar a conduta dos atores sociais, estabelecendo fronteiras entre uns e outros, repassando a idéia de que existe dentro ou fora dos limites definidos por essa legalidade escriturária (CASTRO-GOMEZ, 2005). O registro dessas práticas em manuais escritos contribuiu para a institucionalização desses modelos de ser e de viver, atribuindo valores para determinadas práticas em detrimento a outras.

1.1.1 – É difícil ser Paris: Rio de Janeiro multicultural

Entretanto, mesmo com as transformações promovidas na cidade, o Rio de Janeiro definitivamente não era Paris. Contradições não faltavam. A corte estava cercada por um ambiente rural, havia escravidão por todos os lados, comércio diminuto em volta, com cores e costumes que mais faziam lembrar o continente africano.

Domésticos, jornaleiros, trabalhadores em ocupações mal definidas, que chegavam a 100 mil pessoas em 1890 e a mais de 200 mil em 1906, viviam nas tênues fronteiras entre a legalidade e a ilegalidade, às vezes participando simultaneamente de ambas (CARVALHO, 1987: 17). Carroceiros, ambulantes, ladrões, malandros, prostitutas e outros personagens não tão bem vistos para o desenvolvimento progressista da nação também se faziam notar na cidade republicana. Porém no Rio de Janeiro habitava outro tipo de população, formado por corretores, investidores e milionários que lucravam em meio à miséria urbana.

> "Era difícil a convivência entre o projeto republicano - que, recém-inaugurado em novembro de 1889, vendia ruma imagem de modernidade - e a lembrança recente do sistema escravocrata, que levava à conformação de uma sociedade patriarcal, marcada pelas relações de ordem pessoais, violentas e na qual vigorava um profundo preconceito em relação ao trabalho braçal. (...) Em meio a esse ambiente conturbado, porém, civilização e modernidade convertiam-se em palavras de ordem; viravam instrumentos de batalha, além de fotografias de um ideal alentado. O Brasil entrava no novo século XX tão confiante como as demais nações: nada como imaginar que seria possível domesticar o futuro, prever e impedir flutuações" (COSTA e SCHWARCS, 2000: 11-12).

Diante deste cenário, promover o espírito europeu e instituir práticas nacionalistas na cidade revelavam-se como ações desafiadoras. O caráter agitado e revolucionário do Rio de Janeiro, a princípio, motivo de orgulho e considerado determinante para a queda da monarquia, passou a ser empecilho para a ordem pretendida pelo projeto republicano. Além disso, a atmosfera turbulenta não era o único dado que prejudicava a concretização do ideal nacionalista. Havia outro detalhe importante nesse contexto: a imagem do Rio como cidade estrangeira. Conforme assinala José Murilo de Carvalho[1](1984), entre 1872 e 1890, a população da cidade quase dobrou, passando de 266 mil para 522 mil habitantes, com 28,7% desse número correspondente a pessoas nascidas no exterior. Em 1891, chegaram ao Rio de Janeiro mais 166.321 imigrantes. Deste total, 71.264 saíram para outros estados e o restante engrossou o contingente populacional da cidade.

Por conta da presença estrangeira na cidade e dos ânimos ameaçadores do carioca, cogitou-se então a criação de uma nova capital, a cidade de Tiradentes, que além de carregar o nome do mártir nacional, viria a fornecer o "elo patriótico capaz de torná-la o espaço síntese da nação republicana" (MOTTA, 2004: 20). Ainda que a transferência da capital para a cidade de Tiradentes não tenha se efetivado, é interessante perceber que a resistência resultante em parte do caráter multicultural da cidade por pouco não causou o desmantelamento da própria cidade e a desestruturação da posição ocupada pelo Rio de Janeiro.

Mantido como capital federal, o Rio de Janeiro, contraditório, idiossincrático e popular foi alvo de intervenções por parte do Presidente da República, Campos Sales, para quem a cidade, em vez de capital da ordem, era lugar da anarquia e das manifestações espontâneas de multidões arredias ao controle governamental. Entre os atos arbitrários de Campos Sales, consta a desarticulação do Partido Republicano Federalista (PRF), que causou desequilíbrio no quadro político local. Além disso, o presidente determinou o fechamento do Conselho

[1] O autor utiliza como fonte dados presentes no Anuário Estatístico do Brazil (1908-1912), volume I, p. XVIII.

Municipal, concedendo poderes extraordinários ao então prefeito Pereira Passos, que retomou o propósito de fazer do Rio de Janeiro vitrine e espelho da nação. Entre as obras realizadas está a emblemática abertura da Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), que ligaria o porto da Prainha à recém-inaugurada Avenida Beira-Mar. (MOTTA, 2004: 28-29),

1.2 - Representações de civilidade e progresso: narrativas dos jornais

O final do século XIX simbolizou o triunfo de uma cidade moderna que tinha como grandes vedetes o progresso e a civilização. No rol das novidades, uma lista extensa de invenções: veículos automotores, transatlânticos, aviões, telégrafo, telefone, iluminação elétrica, utensílios domésticos diversos, fotografia, cinema, radiodifusão, televisão, arranha-céus, elevadores, escadas rolantes, sistemas metroviários, parques de diversões elétricas, anestesia, penicilina, medidor de pressão arterial, vasos sanitários, papel higiênico, fogão a gás, refrigerador, comidas enlatadas, Coca-Cola, caixa registradora (COSTA E SCHWARCS, 2000).

Essa revolução colocou o mundo em uma nova ordem original, no final do século XIX, tendo como marco a velocidade e as novas sociabilidades. O Brasil, sem poder liderar a marcha rumo ao progresso, pegou uma carona e na maioria das vezes a introdução de novas tecnologias no país ocorria com atraso. Os serviços de iluminação a gás no Rio de Janeiro foram implantados no país quase 50 anos depois de terem sido inaugurados em Londres. O estabelecimento de empresas de transportes coletivos sobre trilhos levou três décadas para chegar aqui – e o Rio de Janeiro foi a primeira cidade da América do Sul a introduzi-los. A energia elétrica, por sua vez, não se enquadrou nessa tradição de atrasos e a primeira instalação de um sistema de iluminação permanente no Rio de Janeiro teve apenas alguns anos de diferença em relação aos grandes centros europeus e norte-americanos (WEID, 2003).

A presença da eletricidade no quotidiano da população causava mudanças no comportamento e na noção de tempo e espaço. Criavam-se pontos de encontro, como os terraços dos cafés e os cinematógrafos, e reanimavam-se as salas de teatros. A eletricidade permitia que no Brasil pudessem ser vivenciadas práticas presentes no cotidiano dos europeus, mediando assim a expansão de uma cultura urbana, cosmopolita, dinâmica, ávida de novidades. No mesmo século XIX, os avanços da comunicação encurtaram as distâncias. O telégrafo, grande maravilha das invenções de então, foi apresentado ao mundo como uma forma de transmitir o pensamento pela eletricidade. O aparelho transformou a forma de comunicar, acelerou o tempo vivido, apressou a circulação das notícias e, principalmente, mudou o modo de descrever os acontecimentos. Após sua apropriação pela imprensa empresarial — por meio de seções para notícias telegráficas, a colaboração de correspondentes e a compra de informações via agências internacionais de notícias —, os leitores de periódicos não teriam mais paciência ou interesse para longos relatos, dados minuciosos sobre local, personagens e sentimentos. Depois do telégrafo, a notícia seria breve, seca e rápida.

No Brasil, a comunicação telegráfica demorou cerca de uma década para ganhar a confiança dos habitantes da Corte, que mantiveram inalterado o hábito secular de remeter os recados através de mensageiros. Vítima de preconceitos e reclamações sobre sua ineficiência e até de descrença sobre a possibilidade de trocar mensagens através de um fio eletrificado, o telégrafo não passaria, para muitos, de truque, ilusionismo e efeito de mágica. Estas desconfianças justificariam o pequeno volume de correspondência telegráfica, chegando a ameaçar o fechamento de algumas estações telegráficas. (WEID, 2003).

Os textos publicados nos jornais da época retratam os reflexos dessas novidades no imaginário de uma cidade como o Rio de Janeiro na virada do século XX. Quando do

surgimento do telégrafo, por exemplo, o correio, ainda que se mantivesse como o meio de comunicação mais usado, era tratado com certo desprezo, como se tivesse caído em desuso.

> "Outrora, uma pessoa que estivesse no Japão só poderia se comunicar com outra que se achasse na França pelo correio, tão lento como o deslize de um navio de vela, tão trôpego como o chouto de uma mula cansada. Hoje, as comunicações fazem-se pelo telégrafo, tão prontas como clarões de relâmpagos" (Estado de S. Paulo, 1º de janeiro de 1900).

O conteúdo veiculado pelos jornais, quando se tratava de invenções e descobertas, trazia sempre referências de outros países. Observa-se nos textos publicados uma ênfase ao que acontecia no continente europeu, e não seria exagero dizer que a sensação de muitos leitores seria a de pertencer a um país que não fosse o Brasil. Assim, os meios de comunicação também eram adeptos do olhar para o exterior, o que, considerando a participação que os periódicos tinham na época no processo de formação de imaginários, poderia condicionar o tipo de leitura que a audiência fazia sobre os acontecimentos mundiais.

Os avanços nos meios de transporte também eram tratados pela imprensa como marcas representativas de uma época que em longas distâncias levavam cada vez menos tempo para serem percorridas. O *Estado de S. Paulo* destaca, na edição de 1º de janeiro de 1900, que, com os navios a vapor, recém inventados, era possível fazer uma viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro em 11 dias. Antes dessa invenção, a mesma distância levava 60 a 70 dias para ser percorrida. Outro invento que causou impacto vigoroso na vida nas cidades e também pautou os jornais foi a luz elétrica, particularmente, a iluminação pública. Com o surgimento desta, circular pelas ruas depois do pôr-do-sol tornou-se prática possível aos moradores da cidade, gerando um movimento da vida noturna não registrado em tempos anteriores. O funcionamento das cidades durante a noite garantia que atividades antes interrompidas com ao anoitecer pudessem ser realizadas de forma contínua.

De heroína a eletricidade passava a vilã em um folhear de páginas; nos jornais, ao lado das benfeitorias propiciadas pela grande invenção, estavam notícias que mostravam o lado

pouco encantado do progresso. Os choques elétricos fatais, por exemplo, eram reportados com freqüência, enfatizando a ameaça que a eletricidade representava para a população. Nas reportagens, a eletricidade é tratada como grande culpada e as pessoas são sempre vítimas, ainda que os acidentes tenham sido causados por falta de informação, incorreto uso dos aparelhos ou mesmo distração.

Ainda que a popularização de todos os itens inventados ainda estivesse longe de acontecer e por isso poucas pessoas pudessem usufruir, de fato, das descobertas, o que valia era a realização de uma possibilidade que já se encontrava em estágio mais avançado de popularização em outros países. As notícias que circulavam exaltavam os inventos, tratando as novas descobertas como algo inserido no cotidiano da grande maioria da população.

Entretanto, as novidades que apareciam integravam um processo que envolvia encantamento, susto e desconfiança. Até os inventos mais bem-sucedidos eram alvos de críticas e havia um descompasso entre a velocidade de surgimento dos inventos e descobertas e o tempo que o povo levava para digeri-las e compreendê-las. Não raro, a imprensa colocava em evidência as conquistas científicas alcançadas pelo homem e também seus efeitos contrários. Mesmo com tantas certezas, havia sempre a apreensão diante do que não se poderia planejar com precisão.

O que nos é válido aqui, ao citarmos trechos de notícias de jornais, é ressaltar a participação da imprensa na consolidação desse imaginário do progresso, na medida em que, ao noticiar as novidades como se já fizessem parte do dia-a-dia, acabava interferindo na percepção que a população da época tinha sobre o atual contexto. Não se trata, porém, de dicotomizar uma situação, colocando de um lado a imprensa manipuladora e do outro leitores acríticos, e sim destacar o processo de representação do século XX feito pelos jornais como elemento formador da imagem que se tem sobre a época. Desse modo, entendemos que o imaginário construído pelos meios de comunicação está constantemente relacionado às

representações contidas nas narrativas compartilhadas entre os atores sociais sobre o universo no qual estão inseridos e será utilizado, interpretado, negado, complementado em processos complexos de produção de sentidos.

1.2.1 - Identidade nacional: de Joaquim Nabuco a Mário de Andrade

Silviano Santiago (2004) usa como paradigma para afirmar a nossa relação identitária com este mundo da modernidade a publicação da obra *Minha formação* de Joaquim Nabuco de 1900. O autor, a partir do livro de um dos políticos monarquistas mais influentes da história nacional, afirma que a "síntese" definidora da cultura brasileira resulta da articulação entre o particularismo e o universalismo.

No livro, Nabuco ressalta ser o espectador de uma peça, a civilização, em cartaz em todos os teatros da humanidade, interligados pelo telégrafo. A efervescência dramática do mundo, com sua velocidade, o atrai muito mais do que os movimentos provincianos, a política local, a do país e a dos partidos. Autodefinindo-se "antes como um espectador do meu século do que do meu país" (NABUCO, 2004: 35), Nabuco não esconde o seu interesse pelo que acontecia na Europa, onde para ele era encenado o mundo. Caracterizando o Brasil como um país provinciano, o monarca acreditava que fazer uso dos meios de comunicação de massa modernos, o telégrafo, em particular, era a única forma de, aqui estando, participar do que acontecia lá fora. Interessava ao político e intelectual, conforme nos diz Silviano Santiago, muito mais a crise de representação da modernidade do que a busca de identidade nacional.

Ao prosseguir na análise da relação de Nabuco com o Brasil e com o mundo "civilizado", Santiago afirma que esse político "prefere o esconderijo cosmopolita do sentimento íntimo à seara pública das exteriorizações triunfais" (SANTIAGO, 2004: 19). Apesar da clara preferência pelo que acontecia no exterior, as palavras de Nabuco abrem espaço para o que se poderia chamar de dilema cosmopolita, conforme ressalta Santiago, ou

ainda uma crise de sujeito de caráter pessoal e cultural, de estar sempre entre um lugar e outro, gerando assim uma espécie de nostalgia: "De um lado do mar, sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país" (NABUCO , 2004: 40).

Nabuco afirma em seus escritos que vocábulo algum era tão comovente quanto a palavras portuguesa saudade, que traduzia a lástima da ausência, a tristeza das separações, a privação de entes e objetos amados. Para o intelectual, o termo traduzia o sentimento da separação que o exilado tem pela pátria, o marinheiro pela família, os enamorados um pelo outro (NABUCO, 2004: 19). Essa saudade era para Nabuco a explicação para a atração de afinidades esquecidas que estão em todos os habitantes do Brasil. Seria a saudade o grande impulso para os brasileiros cruzarem o oceano. Os dizeres de Nabuco e as ações realizadas na cidade do Rio de Janeiro desde a chegada da coroa portuguesa no Brasil, as quais tinham a intenção de cobrir a cidade com uma atmosfera de civilização, são elementos que apontam para a grande dificuldade de se construir uma identidade nacional baseada em características brasileiras.

1.2.2. – Unidade, ordem e civilização

A instalação no Brasil da realeza de Portugal em 1808, que fugia das tropas napoleônicas, significou um momento singular da história nacional. D. João e sua família, contando com a ajuda inglesa, transferiram para o país toda a corte - cerca de 20 mil pessoas - , trazendo também comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos e naturalistas austríacos. Na época, a transferência representou um incremento de cerca de um terço da população total residente no Rio de Janeiro, que totalizava 60 mil pessoas (SCHWARCS, 1998: 25-26).

A cidade do Rio de Janeiro passou a desempenhar então a função que antes pertencia a Lisboa, transformando-se em capital de Portugal. Isso significava, além da abertura de portos

brasileiros para os britânicos, uma drástica mudança na vida social, que herdava da ex-capital portuguesa a agenda de festas e a etiqueta real. Dessa forma, uma nova sociabilidade idealizada nos moldes europeus estava em formação em um espaço no qual circulavam outras práticas culturais. Podemos dizer inclusive que os portugueses que chegavam, apesar de serem imigrantes, ocupavam uma posição privilegiada em relação a outros estrangeiros que habitavam a cidade, devido ao fato de estar sob a chancela do Rei de Portugal.

Nesse novo cenário, para fazer valer a condição de novo estandarte do Império português, conforme explica Marly Motta, fizeram-se necessárias "adaptações" para transformar a cidade em um lugar de corte. Deu-se então a construção de empreendimentos para modificar o, considerado pobre, cenário do Rio colonial. Entre as obras marcantes, destaque para os prédios da Imprensa Régia, da Biblioteca Nacional e da Academia de Belas-Artes (MOTTA, 2004: 10). Entretanto, esses ícones de grandiosidade arquitetônica não bastavam para dar à cidade ares de civilização. Era preciso modificar também o que já existia no local e caracterizava a sua atmosfera. Para deixar o Rio de Janeiro com feições européias, mestres da Missão Artística Francesa aportaram em 1816 e no rosto colonial da cidade estamparam fachadas neoclássicas e arcos triunfais. Pintavam, desenhavam, esculpiam e construíam à moda européia, obedecendo ao estilo que propunha a volta aos padrões da arte clássica (greco-romana) da Antigüidade.

O ideal de civilidade a ser implantado no Brasil revelava, a cada ação executada, uma nova demanda. Assim, além das construções e reformas baseadas em referências européias, era preciso definir características próprias para o país, a fim de que a sua identidade fosse delineada. Eis o paradoxo: ao mesmo tempo em que a inspiração para a civilidade era a Europa, era necessário que a nação brasileira tivesse uma representação singular, que a diferenciasse de Portugal. Nesse sentido, a coroação de D. Pedro I, em 1º de dezembro de 1822, representou a oficialização do caráter multicultural brasileiro, com a elevação de um

novo império no qual a tradição dialogava com a cultura local na constituição da nacionalidade que surgia (SCHWARCS, 1998).

A partir da leitura de Schwarcs, percebemos que, ao separar a monarquia brasileira da sua origem lusitana, os novos símbolos tinham a função de marcar o início de uma nova história da nação agora independente. Artistas como Jean-Baptiste Debret, integrante da Missão Artística Francesa, tiveram como desafio destacar nas suas obras elementos presentes na atmosfera tropical do país capazes de representar a nacionalidade pretendida, com o cuidado, entretanto, de amenizar emblemas que denotassem "selvageria" ou atraso. No novo império, muito se investiu também na realização de cerimônias reais a fim de, a partir do registro desses eventos, ser possível estabelecer determinadas memórias. "O Império brasileiro produziu muitas imagens, que parecem constituir parte fundamental de sua efetivação. Em diferentes momentos da vida de D. Pedro II, a ampla iconografia encontrada é quase um trunfo, e as imagens parecem dirigir a reflexão" (SCHWARCS, 1998: 31-32).

Nessa época acentuou-se a imposição de um modelo centralizador de governo, que culminou com a transformação do Rio de Janeiro em Município Neutro, através do ato adicional de 1834. Uma vez separada da província fluminense, a cidade iniciou a caminhada em direção ao posto de "cidade-capital brasileira".(MOTTA, 2004: 8). A categoria cidade-capital, criada pelo historiador Giulio Argan para explicar o estabelecimento das monarquias absolutistas européias no século XVII, representaria as sedes da autoridade do Estado, dos órgãos do governo e da administração pública. Por comandarem o movimento militar, controlarem as principais rotas de comércio e a distribuição de recursos financeiros, monopolizando inclusive a arte, a cultura e o gosto, as cidades-capitais revelaram-se atraentes para um tipo de abordagem que as analisa como o lugar da política e da cultura, como núcleo da sociabilidade intelectual e da produção simbólica, representando, o foco da civilização, núcleo da modernidade, teatro do poder e lugar de memória.(MOTTA, 2004: 8-9).

Diante das funções e representações conferidas às cidades-capitais, percebe-se que no caso brasileiro era ao Rio de Janeiro do início do século XIX que cabia esse papel. Pela visibilidade que atraía e pela posição administrativa que ocupava, os símbolos que circulavam e as práticas sociais vivenciadas na cidade foram fundamentais na constituição de um sentimento de pertença, a ser compartilhado por todos os habitantes. Se o Brasil necessitava de uma identidade nacional, o *locus* mais adequado para essa representação era o Rio de Janeiro. Porém, para se constituir como capital imperial o Rio de Janeiro deveria livrar-se de hábitos e costumes provincianos. Quem desejasse ser um homem da corte, portanto, que desse adeus aos antigos estilos de vida de colônia e incorporasse os novos padrões impostos para promover um comportamento unificado e homogeneizado. Desse modo, unidade, ordem e civilização foram os três pilares da construção do Rio de Janeiro como cidade-capital do Império do Brasil (MOTTA, 2004: 11).

Conforme apresentado, observa-se que nos anos iniciais dos séculos XIX e XX as tentativas de transformar o Rio de Janeiro em ícone de civilidade nacional estiveram baseadas em modelos europeus, levando-nos a propor que esses dois momentos históricos relacionam-se ao que Santiago chama de relação identitária brasileira com a modernidade. Esse relato histórico no âmbito da presente pesquisa é pertinente pois ao nosso ver apresenta elementos que compõem o imaginário do Rio de Janeiro compartilhado entre pessoas que migraram para a cidade décadas depois, a partir de 1950.

As declarações de Nabuco sobre a sua relação com a Europa e a atração que o mundo civilizado, conectado pelo telégrafo, desperta nele, apresentam semelhanças com a sedução lançada pelo Rio de Janeiro para os cearenses que sonham com dias melhores na cidade. O outro inventado de Nabuco, seria a Europa; dos migrantes do Ceará, o Rio de Janeiro. Separados por décadas na história, haveria semelhanças entre o intelectual e os migrantes, no que se refere ao desejo de fazer parte de outro contexto cultural, econômico e social?

O que desejamos observar com essa talvez curiosa analogia é que a prática de olhar para o lugar que não é o seu e desejá-lo é democrática e tem íntima relação com as narrativas que circulam sobre esses eldorados. Nabuco, intelectual, tinha acesso a representações sobre a Europa e a classificava como o lugar onde a civilização era encenada. Criava as suas próprias leituras sobre o mundo europeu a partir da dinâmica de narrativas de origens diversas.

Nabuco, representando o pensamento do século XIX, e a tentativa de impor costumes europeus à população da cidade do Rio de Janeiro seriam respectivamente a origem e a proliferação de uma praga sobre a qual Mário de Andrade versaria em carta ao poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade. Mário afirmava ter descoberto uma doença mais grave do que a moléstia de Chagas. Tratava-se da Moléstia de Nabuco, que fazia com que os brasileiros sentissem saudades do cais do Sena em plena Quinta da Boa Vista (SANTIAGO, 2004: 25).

Mário de Andrade propõe então uma vacina para essa doença. Seria sistematizar o passado que já pesa nos nossos gestos e tradicionalizá-lo, trazendo-o para o presente. No seu discurso de defesa pelo "abrasileiramento do Brasil", verificamos pontos-de-vista que contrabalançam a visão de mundo de Nabuco. No seu ativismo, rumo à construção de uma nova sociedade, Mário de Andrade pratica a solidariedade, propondo o exercício do "puxar conversa" como modo de o intelectual se aproximar "agressiva e despudoradamente, sensual e fraternamente" do outro, transformando este em sujeito do conhecimento. (SANTIAGO, 2004, p. 28 e 29).

Haveria a possibilidade de resquícios da Moléstia de Nabuco poderem dialogar com a questão da migração de cearenses para o Rio de Janeiro? O Rio de Janeiro, por sua vez, poderia ser, no século XXI, o lugar dos sonhos para os habitantes da região noroeste do Ceará, em parte por causa de uma imagem que foi sendo construída desde os tempos em que os esforços estavam concentrados para fazer da capital carioca uma Paris dos trópicos?

Apesar de não acreditamos que estas questões possuem respostas fechadas arriscamos dizer que pela circulação simbólica possível para além dos limites do meio urbano, essas representações sobre o Rio de Janeiro, compartilhadas nos séculos XIX e início do século XX, mantêm-se, de alguma forma, presentes no imaginário que se tem sobre a cidade. .

No capítulo seguinte, teceremos algumas considerações sobre o modo de vida urbano, a partir de características da cidade apresentadas por Louis Wirth, buscando mostrar de que forma as relações na cidade podem ser reinventadas e como o migrante se insere neste processo.

II. Cidade multicultural: lugar de migrante

No Rio de Janeiro, os migrantes representam hoje 17,2% (2,47 milhões de habitantes) da população do estado e os nordestinos 9,14% (1,3 milhão de pessoas). De acordo com o IBGE, em 1940, 55,3% dos migrantes do estado vinham da própria Região Sudeste e somente 28,8% do Nordeste. No ano de 2000, a participação do Nordeste já era de 52,6%, enquanto a do Sudeste havia recuado para 39,3%. Mais do que dados quantitativos, esses indicadores carregam nas entrelinhas uma característica marcante da cidade: a multiculturalidade, que contempla uma profusão de culturas em cotidiana relação no Rio de Janeiro. Os migrantes, novos habitantes da cidade, trazem elementos simbólicos da sua cultura de origem e os colocam em negociação com componentes da cultura citadina, esta já impregnada de marcas de outras culturas locais. Esse constante intercâmbio acaba por contribuir para que a metrópole se mantenha em constante mutação.

Entre as pessoas que circulam, impera a heterogeneidade de tipos, de interesses, de estilos de vida, de origens e de culturas, o que faz da cidade moderna locus por excelência das trocas multiculturais. O fluxo multifacetado de culturas nos leva a conceber a metrópole como habitat natural do cosmopolitismo, entendido aqui como uma posição em relação à própria diversidade cultural e à coexistência de culturas na experiência individual e acima de tudo um desejo de se envolver com o outro e se posicionar abertamente para experiências culturais divergentes, buscando o contraste em vez da uniformidade (HANNERZ, 1998: 253).

Os fluxos multiculturais reforçam a idéia de que uma cidade é produto de um crescimento, processo do qual participam migrantes do meio rural ou ainda de outras cidades, fazendo com que o meio urbano mantenha características dos modos de associação predominantes nas vilas e no campo. Esta reflexão encontra-se presente nos estudos desenvolvidos na década de 1930 por Louis Wirth, teórico da Escola de Chicago, cuja contribuição mantém-se pertinente até os dias atuais. Para o autor, uma das conseqüências do

intercâmbio entre culturas diferentes no âmbito de uma cidade seria a variação menos abrupta entre os tipos de personalidades urbanas e rurais (WIRTH, 1979:92).

Ainda que os estudos da Escola tenham tomado como referência a Chicago dos anos 1920 e sido alvo de críticas por tratar a cidade isoladamente (vertente ecológica), a abordagem continua fornecendo até hoje importante apoio teórico para a análise das metrópoles contemporâneas, principalmente se considerarmos as reflexões elaboradas por Wirth. Inovador até mesmo para a própria Escola de Chicago, o pesquisador afirma que a cidade atua e se desdobra para além dos seus limites físicos, através da propagação do produto que fabrica – a cultura urbana -, tornando-se, assim, o locus do surgimento do urbanismo como modo de vida. É interessante frisar que, em 1938, ano da primeira publicação do artigo *Urbanism as Way of Life*, o autor já considerava os desenvolvimentos tecnológicos no transporte e na comunicação fatores determinantes para a disseminação do modo de vida urbano mundo afora (WIRTH, 1979: 93).

A partir do que nos diz Wirth, a cidade estaria sempre sendo oxigenada pelos fluxos culturais que entram e saem dela e esse processo teria relação direta com as tecnologias de deslocamento, sejam estas dos transportes ou da comunicação. Essa circulação teria como tendência diminuir cada vez mais as diferenças entre os modos de vida de uma população rural e urbana. Assim:

> "A urbanização já não denota meramente o processo pelo qual as pessoas são atraídas a uma localidade intitulada cidade e incorporadas em seu sistema de vida. Ela se refere também àquela acentuação cumulativa das características que distinguem o modo de vida associado com o crescimento das cidades e, finalmente, com as mudanças de sentido dos modos de vida reconhecidos como urbanos que são aparentes entre os povos, sejam eles quais forem, que tenham ficado sob o encantamento das influências que a cidade exerce por meio do poder de suas instituições e personalidades, através dos meios de comunicação". (WIRTH, 1979: 93 e 94)

Wirth ressalta que é importante compreendemos que as cidades entre si possuem grandes diferenças, havendo desde centros metropolitanos mundialmente representativos a

pequenas cidades que lutam para continuar existindo. Considerar essa variedade pode ajudar a definir práticas urbanas diversas e a propor caminhos alternativos à dicotomia rural/urbano. A variação entre as cidades, a partir de uma tipologia baseada no tamanho, localização, idade e função, e a importância dessa pluralidade para se compreender a urbanidade como modo de vida, motivou Wirth a declarar que uma definição útil de urbanismo deveria prestar-se à descoberta das diferenças e não somente denotar as características essenciais que todas as cidades – pelo menos as de nossa cultura – têm em comum (WIRTH, 1979: 95).

Entretanto, o urbanismo, como conjunto de características formadoras do modo de vida das cidades, e a urbanização, como o processo de disseminação dos fatores relativos ao urbanismo, teria como lócus mais representativo a cidade metropolitana. Diante disso, em busca de elaborar uma teoria sobre o urbanismo, Wirth propõe analisar sociologicamente a cidade, a partir de três proposições: quantidade de população; densidade da população e heterogeneidade de habitantes e vida em grupo.

O elevado contingente populacional de uma cidade grande nos coloca diante da seguinte situação: proporcionalmente, em relação ao número de indivíduos que vemos e encontramos nas ações da vida diária, conhecemos de fato poucas pessoas. Em uma cidade de população reduzida, a diferença entre o número de pessoas que encontramos e conhecemos é menor. Dessa forma, grandes números populacionais determinariam contatos interpessoais mais superficiais, segmentados e transitórios (WIRTH, 1979: 100).

> "Caracteristicamente, os cidadãos encontram-se uns aos outros em papéis bastante segmentários. Dependem de mais pessoas para as satisfações de suas necessidades do que a população rural e por isso são associados a um número maior de grupos organizados, mas dependem menos de pessoas determinadas, e sua dependência de outros confina-se a um aspecto altamente fracionado da espera de atividades dos outros." (WIRTH, 1979:100-101)

As considerações de Wirth sobre a predominância dos contatos indiretos, chamados de secundários, em relação aos diretos, que seriam primários, foram formuladas diante das

cidades em crescimento, nas quais a dicotomia campo-cidade ainda se pronunciava de maneira mais definida. Entendemos que, na dinâmica presente no cotidiano citadino, as práticas sociais são reinventadas, e o que Wirth chama de contatos secundários têm grandes possibilidades de agregarem características do que ele classifica como contatos primários. Por exemplo: na vida urbana, é comum darmos preferência aos serviços prestados por pessoas que já conhecemos ou que passamos a conhecer durante as mais diversas ações do dia-a-dia, e ainda pedir que um amigo nos indique alguém para desempenhar determinada tarefa para nós. Essas práticas, baseadas na confiança e nos afetos, poderiam ser classificadas como tentativas de emprestar contornos dos contatos primários às relações secundárias que vivenciamos.

No caso dos migrantes cearenses no Rio de Janeiro, conforme será possível observar mais adiante no presente texto, o espírito de solidariedade permeia as diversas etapas vividas na cidade, desde o momento de chegada. Especificamente no caso dos cearenses que trabalham como garçons, que, em sua grande maioria migra por já ter algum conhecido na cidade, a solidariedade verificada no local de trabalho facilita a adaptação. A partir desses conhecimentos compartilhados pelos conterrâneos que estão na cidade há mais tempo, o estranhamento de não pertencer é amenizado. Sobre esse tema, apresentaremos detalhes, mais adiante.

O número elevado de habitantes em uma grande cidade, sobre o qual já tecemos algumas considerações, relaciona-se com outra característica que abrange questões relevantes para a análise sociológica das cidades. Trata-se da densidade, que demanda diferenciação dos tipos e especialização das funções para que a área em questão suporte o aumento numérico da população. Uma das implicações sociais causadas pela densidade é assim descrita por Wirth:

> "A vida em contato estreito e o trabalho comum, de indivíduos sem laços sentimentais ou emocionais, desenvolvem espírito de concorrência, engrandecimento e exploração mútua. Para neutralizar a responsabilidade e a desordem em potencial, surge a tendência de se utilizarem controles formais. (...) Contato físico estreito freqüente, aliado a grande distância social, acentua a reserva de indivíduos não-ligados entre si e, a não ser que seja

> compensada por outras oportunidades de reação, dá origem à solidão". (WIRTH, 1979:104)

As constatações de Wirth, principalmente por estarem relacionadas a outro contexto histórico, nos motivam a intervir. É certo que a vida na cidade contempla situações de extrema concorrência, conforme aponta o autor. Entretanto, na tessitura das relações sociais citadinas, a solidariedade pode orientar o desdobramento dos contatos interpessoais. Na comunidade formada por garçons cearenses, por exemplo, é possível observamos que as práticas solidárias no cotidiano de trabalho contribuem para a permanência dos conterrâneos cearenses no ramo de bares e restaurantes da cidade. Nos tópico 2.1 e 2.2, esta questão será desenvolvida.

2.1. Em busca dos garçons cearenses: seleção dos entrevistados

Os sujeitos escolhidos para o desenvolvimento desta dissertação de mestrado são os cearenses que moram no Rio de Janeiro e trabalham como garçons. Como método de pesquisa, trabalhamos com entrevistas semi-estruturadas em profundidade, através das quais buscamos contemplar tópicos relacionados à migração, com ênfase nas narrativas compartilhadas entre migrantes e conterrâneos nesse processo, tendo como foco a cidade do Rio de Janeiro. Nas entrevistas, os assuntos diretamente relacionados a esta pesquisa foram abordados dentro do contexto das histórias de vida dos entrevistados. Antes de todas as entrevistas, apresentamos com certo detalhamento o objetivo que estava implícito naquela "conversa", a fim de que quando necessário pudéssemos insistir em alguns pontos abordados, repetindo inclusive determinadas perguntas.

A seleção dos 12 entrevistados se deu de forma aleatória, contando, entretanto, com as pistas fornecidas por reportagens publicadas na imprensa carioca, sobretudo no jornal *O Globo*, a respeito da migração nordestina na cidade do Rio de Janeiro e também sobre a profissão de garçom na capital carioca. Ressaltamos que o único pré-requisito para um

garçom ser selecionado como entrevistado era ter nascido no Estado do Ceará, não importando o município.

Em busca de informações sobre o trabalho nos bares e restaurantes da cidade, o primeiro contato feito foi com o Sindicato dos Garçons, Barmans e Maitres do Rio de Janeiro. Essa aproximação inicial resultou na indicação dos dois primeiros garçons consultados para esta pesquisa, nascidos nas cidades de Reriutaba e São Benedito, que ficam na região do noroeste cearense. As duas entrevistas[2] foram fundamentais mais um maior conhecimento sobre os sujeitos da presente dissertação e resultaram em informações de grande relevância para a realização das demais entrevistas.

O segundo bloco de entrevistas[3] ocorreu em um restaurante escolhido aleatoriamente, localizado na Avenida Atlântica, à altura do Posto 6. Primeiramente, foi feita uma visita ao local, para explicarmos os objetivos do trabalho e identificar quem estaria disposto a participar, dedicando para isso um período de tempo fora do expediente de trabalho. No estabelecimento, cujos proprietários são espanhóis e portugueses, dos 50 funcionários, um era carioca, outro piauiense. O restante havia nascido no Ceará. Nesse restaurante, entrevistamos dois garçons, um natural da cidade de Itapipoca e outro do município de Nova Russas, ambos localizados na região noroeste do Ceará. No mesmo dia e local, entrevistamos também um dos proprietários da casa. Ainda na orla de Copacabana realizamos mais uma entrevista, na semana seguinte[4], com um garçom cearense nascido na cidade de Ipu, pertencente à mesma região do Estado dos demais entrevistados. Novamente, a escolha do restaurante foi feita de forma aleatória.

Retornarmos ao Sindicato dos Garçons, Barmans e Maitres para realizarmos mais uma entrevista, aproveitando a presença de profissionais do ramo de bares e restaurantes que

[2] Realizadas no dia 10 de outubro de 2006, no Rio de Janeiro.
[3] Realizadas no dia 22 de novembro de 2006, no Rio de Janeiro.
[4] Dia 28 de novembro de 2006

estavam no local participando de um curso para barmans. O garçom escolhido foi um cearense natural de Ararendá, que se dispôs a ser entrevistado[5] depois da aula.

Da Zona Sul carioca, nosso próximo destino foi a filial, situada na Lapa, de uma rede de botequins, cujo proprietário é cearense da cidade de Hidrolândia. Com o dono do estabelecimento, que já foi garçom, realizamos uma das entrevistas[6]. Em seguida conversamos com um jovem garçom nascido também no município de Hidrolândia, localizado no noroeste do Ceará.

As três últimas entrevistas foram realizadas em um restaurante no bairro do Flamengo. No estabelecimento, os garçons com quem conversamos, individualmente, em dois dias[7], eram cearenses das cidades de Guaraciaba do Norte, Reriutaba e Cariré. As três cidades, juntamente com os municípios de origem dos entrevistados dos blocos anteriores, também pertencem à região noroeste do Ceará.

2.2 - (Quase) todo garçom é do Ceará: entendendo o fenômeno

No Rio de Janeiro, parte disparada dos homens das bandejas, bem arrumados, paletó branco, paletó preto, não falam chiando. O sotaque deles tem a marca do lugar de onde vieram: o Ceará. A grande maioria nasceu em cidades localizadas na mesorregião noroeste do estado, da qual fazem parte cidades como Ipu, Ipueiras, Hidrolândia, Santa Quitéria, São Benedito, Sobral, Reriutaba, Guaraciaba do Norte, Groaíras, Varjota, Cariré, Ibiapina. A proximidade das cidades de nascimento de representativo número de garçons cearenses que trabalham no Rio de Janeiro relaciona-se à reflexão de Durham, ao afirmar que

> "o universo espacial dos trabalhadores provindos de comunidades tradicionais (...) é formado de lugares onde seus conhecidos estiveram, ou onde moram pessoas de suas relações. Espaço geográfico e espaço social se constituem em realidade única, e as migrações se orientam neste universos de referência. A migração não pode ser compreendida como um

[5] Dia 5 de dezembro de 2006.
[6] Dia 19 de dezembro de 2006.
[7] Dias 3 e 4 de janeiro de 2007.

> deslocamento no mapa, mas como um trânsito inserido em uma rede de relações sociais." (DURHAM, 1973: 189).

Conseqüência de uma rede de relações sociais estabelecidas entre migrantes, o "fenômeno" dos garçons cearenses já rendeu reportagens em grandes jornais da cidade do Rio de Janeiro. O conteúdo dessas matérias jornalísticas serviu como fonte de informações sobre o tema, funcionando como apoio fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. A presença de reportagens sobre os garçons cearenses nos jornais cariocas era mais uma constatação de que o tema da presente pesquisa estava intimamente ligado ao cotidiano da cidade.

A pesquisa nos jornais foi feita através do banco de dados online do jornal *O Globo*, chamado *Arquivo Premium*[8], que permite uma busca simplificada para a identificação do conteúdo. Caso o material interesse, é possível comprar o texto completo, através de pagamento com cartão de crédito. Nas matérias que selecionamos, predominam as narrativas sobre a história de vida desses migrantes e a sua relação com a profissão. Geralmente, os garçons entrevistados nas reportagens contam episódios que marcaram sua chegada no Rio de Janeiro, conforme pode ser observado em alguns trechos transcritos a seguir.

> "Antônio Antenor Soares, de 50 anos, desembarcou no Rio de Janeiro num domingo de carnaval, em 1964, depois de seis dias de viagem, vindo de Guaraciaba do Norte, no Ceará. Escapou de ser peão de obra e começou sua carreira em bares e restaurantes como atendente de balcão num pé-sujo no Beco das Garrafas. O apelido de Garrincha foi dado anos depois por um cliente famoso, Vinícius de Moraes, freqüentador da Churrascaria Carreto, em Ipanema, onde ele era garçom".[9]

> "Há 12 anos trabalhando no Bom Galeto Restaurante Grill, no Méier, o cearense Sousa, de 33 anos, nunca perdeu a paciência com os seus fregueses, nem mesmo com aqueles que desconfiam da conta e cismam em atribuir a culpa ao garçom. (...) - Eu gosto daqui, mas queria poder voltar para Reriutaba, a seis horas de Fortaleza, rever meus pais e montar um pequeno

[8] Disponível em: < http://arquivoglobo.globo.com/>. Acesso: 30/04/2007.
[9] Trecho da matéria "Subindo na vida: sócios e donos de redes de restaurantes mostram como é duro trabalhar e vencer", publicada pelo Jornal O Globo, no dia 27 de março de 1997, Caderno: Zona Sul, p. 22.

> negócio por lá - diz Sousa, antes de retomar o seu posto, pegar a bandeja e servir alguns pratos de galeto".[10]
>
> "Erasmo Eufrazino de Melo: Tem 37 anos e, sem fugir à regra, é cearense. Nascido na cidade de Santa Quitéria, Erasmo é garçom há 12 anos, desde que chegou ao Rio, e já trabalhou em diferentes restaurantes da Zona Sul. Atualmente é garçom do La Mama, no Leblon"[11].
>
> "Antes de montar o D'Amici, os quatro sócios da casa haviam trabalhado como garçons, maîtres ou sommeliers em restaurantes renomados. Eles aprenderam as malícias do ofício na prática. - Somos todos cearenses, já passamos até fome no Nordeste. Eu comecei lavando pratos quando vim para o Rio. Não tínhamos experiência. Se hoje servimos bem foi por muita dedicação - conta Valmir, que deixou a cidade de Cariré há 25 anos".[12]

O material veiculado na imprensa serviu como fonte de pesquisa, indicando caminhos e fornecendo informações preliminares sobre o tema. A diversidade de abordagens nos muniu de dados importantes, que puderam ser aprofundados ao longo das entrevistas, como o fato de certas redes de restaurantes serem atualmente comandadas por cearenses que começaram lavando pratos. Os botequins Belmonte, por exemplo, com várias filiais na capital carioca, hoje pertence a um cearense nascido na cidade de Hidrolândia, que migrou para o Rio de Janeiro aos 15 anos, em 1982.

> "No início, trabalhei para um pessoal que hoje um irmão deles é meu sócio. Comecei lavando prato, depois passei pra ajudante de cozinha, fui pra copa, ajudante de garçom e garçom. No dia da minha folga eu comia uma vez por dia, pra economizar. Eu cheguei aqui com duas camisas, uma calça, um short e um par de tênis e comprei a minha primeira camisa depois de 9 meses que eu tava aqui. (...) A gente quando trabalha com seriedade tem muitos patrões que reconhecem, outros não. Eu tive a sorte de encontrar pessoas que me deram oportunidades e eu aproveitei. (...) Juntei dinheiro e comprei um botequim na Cinelândia, o Carlitos. Depois consegui umas economias e comprei o Belmonte, que há 43 anos pertencia a três espanhóis e um português. O Belmonte era um barzinho, não tinha mesa, não tinha cadeira, não tinha nada. Era um lugar que tinha seis empregados e hoje eu tenho 40 lá" [13].

[10] Trecho da matéria "Simpatia à moda do freguês no Méier", publicada no Jornal O Globo, no dia 24 de abril de 1997, Caderno: Zona Norte, p. 8.
[11] Trecho da matéria "Rio das Pedras na bandeja", publicada no Jornal *O Globo*.
[12] Trecho da matéria "Todo o prazer do bom atendimento", publicada no Jornal *O Globo*.
[13] Antônio Rodrigues, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 2006.

A história bem sucedida de Antônio não é regra, mas quando a história circula e chega à sua cidade natal é como se fosse. Pelo sucesso que alcançam na cidade, os proprietários de restaurantes são muito procurados por conterrâneos que esperam encontrar melhores condições de vida no Rio de Janeiro. O resultado dessa espécie de apadrinhamento pode vir a ser o que Antônio informa: "Hoje eu devo ter uns 450 funcionários, todos cearenses. Lá de Hidrolândia deve ter uns 200, um vai trazendo o outro e eu vou encaixando".[14]

O Sindicato dos Garçons, Maitres e Barmans do Estado do Rio de Janeiro (Sigabam) não tem a contagem exata do número de cearenses que trabalham em bares e restaurantes do Rio de Janeiro mas estima que existam 50 mil garçons nordestinos no Estado do Rio de Janeiro. Desse total, seis mil são filiados à instituição, sendo 80% do Ceará. A grande proporção de cearenses no ramo foi constada durante as visitas aos estabelecimentos para entrevistar os garçons, através dos comentários deles: "Aqui é 99% (sic) tudo cearense"; "Cearense é só o que tem", entre outras declarações.

Nas entrevistas, os garçons ofereceram caminhos para tentarmos entender o grande número de cearenses trabalhando nesta função no Rio de Janeiro. No discurso dos entrevistados, algumas pistas:

> "O fluxo de vai e vem gerou todo um movimento de pessoas. Quanto a essa parte de ir para um restaurante e ser garçom, a gente chega aqui e já tem gente em restaurante, aí te levaram pra lá, pra lavar prato, e vai mudando de função".[15]
>
> "Então é realmente isso mesmo, um puxa o outro, pra dentro do restaurante, inclusive tem muita gente de uma mesma família em um mesmo restaurante. Vem alguém do Ceará, que traz um amigo, um primo, um parente, inclusive só de uma mesma região. É possível que você encontre no Rio de Janeiro restaurante que tenha muito uma influencia de um determinado lugar, Guaraciaba, Ipu, São Benedito. É muita gente".[16]
>
> "Vim parar nesse ramo através de um cunhado da minha irmã, que já morava aqui há muito tempo, e me chamou pra trabalhar com ele em um bar lá na Penha. (...) Nunca chamei ninguém da minha cidade para morar aqui no Rio,

[14] Antônio Rodrigues, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 2006.
[15] José Ribamar, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.
[16] Batista, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 2007.

> quem veio, veio por si. Já ajudei algumas pessoas que chegaram. Já arrumei emprego pra várias pessoas, que esteja a meu alcance de arranjar".[17]
>
> "O cearense se adaptou a esse ramo de restaurante, hotelaria, já o paraibano, o pernambucano se adaptou ao ramo de edifício, de portaria. Então o que acontece: é uma questão de imigração. Por exemplo, eu sou garçom de restaurante, aí vem aqueles parentes do nordeste pra cá e vão se alocando. Os empresários sempre deram preferência ao pessoal nordestino, cearense, para trabalhar em restaurante, porque eram pessoas que se enquadravam naquele ramo de atividades, pela questão de alojamento, da alimentação. Por exemplo, você falava para o patrão: chegou meu primo do Ceará. Os patrões gostavam, porque eles sempre foram bons de trabalho, garçom, barman e *maitre*. 96% é cearense".[18]

Nas declarações dos entrevistados, constam explicações para "fenômeno" a partir do relato de experiências nas quais os garçons se inserem. A origem da tradição de cearenses garçons na cidade do Rio de Janeiro é esboçada por dois entrevistados, que migraram em 1958 e 1971. Já os cearenses que migraram a partir da década de 1980 opinam sobre o fenômeno de forma mais relacionada ao presente, sem apresentar informações sobre o início dessa tradição.

Ao longo das entrevistas, foi reincidente a resposta de que "um vai puxando o outro", indicando assim que a migração, apesar de integrada a uma rede social, geralmente ocorre de forma isolada ou em pequenos grupos. Exceções naturalmente existem e em algum momento já foram regra, caso a análise se volte para os deslocamentos ocorridos nos chamados caminhões pau-de-arara. Entretanto, ainda assim, apesar de virem em grupos, a tendência era que, de uma mesma, família, migrassem na mesma oportunidade poucas pessoas.

A observação feita no parágrafo acima nos faz lembrar algumas reflexões de Durham, para quem só é possível compreender o processo migratório se examinarmos as etapas que contemplam a separação e a reconstituição do grupo original. A autora ressalta que a fragmentação é ação necessária tendo em vista os fatores de risco presentes nas migrações. Geralmente, com a consolidação dos primeiros migrantes no novo ambiente, é que ocorre a migração dos outros integrantes da família (DURHAM, 1973: 189). *Maitre* de um restaurante

[17] Raimundo, em entrevista realizada Rio de Janeiro, no dia 3 de janeiro de 2007.
[18] José Raimundo, em entrevista realizada no dia 10 de outubro de 2006, no Rio de Janeiro.

localizado na Praia de Copacabana, Pedro Barros, natural da cidade de Ipu, no Ceará, faz uma declaração que exemplifica o pensamento de Durham:

> "Vim para o Rio faz uns sete anos. Um tio e um primeiro meu já moravam aqui. Um tempo depois que eu cheguei, foram vindo outras pessoas da minha família. Hoje posso dizer que praticamente não tenho mais parente lá no Ipu, todo mundo veio para cá. Um foi puxando o outro."[19]

A partir do depoimento do entrevistado e das reflexões de Durham, expostas anteriormente, algumas considerações iniciais sobre as narrativas no processo migratório podem ser feitas. No intervalo entre a vinda de um cearense para o Rio de Janeiro e a chegada de outro, do mesmo grupo original, existe um espaço de tempo no qual as trocas comunicativas, através das narrativas, podem ocorrer. Esse seria o momento em que os relatos pessoais a respeito da capital carioca teriam o poder de convencer outro cearense a optar pela mudança. Dessa forma, uma característica da migração, que é a fragmentação do grupo original, poderia ser compreendida como um fator favorecedor para a emergência das narrativas de convencimento. Desse sentido, os relatos sobre a cidade, por sua vez, contribuiriam também para o desfecho do processo migratório, que, conforme aponta Durham, seria a reconstituição do grupo original. A questão das narrativas no processo migratório será desenvolvida a contento no Capítulo IV.

A possibilidade de haver na cidade um emprego certo, intermediado por algum conterrâneo que já esteja estabelecido no novo lugar, estimula o "candidato" a migrante a decidir pela migração. O caso da rede de garçons cearenses que se forma no Rio de Janeiro, por exemplo, pode ser melhor compreendido se considerarmos que, conforme afirma Durham, nas cidades, a possibilidade de obter um emprego determinado depende de que o migrante conheça o modo específico de disputá-lo ou de se qualificar para ele. Considerando que o migrante depende das informações dos amigos, o horizonte profissional do trabalhador está condicionado pelo seu universo de participação social (DURHAM, 1973: 192).

[19] Pedro Barros Pereira, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 28 de novembro de 2006.

As indicações feitas pelos que já trabalham nos estabelecimentos são na maioria das vezes bem recebidas pelos patrões e tendem a resultar em oportunidades real de trabalho. O proprietário, espanhol, de um restaurante localizado em Copacabana, que tem 48 cearenses em um total de 50 empregados, e outro empresário do ramo de bares, cearense da cidade de Hidrolândia, explicam o porque da preferência:

> "Os cearenses são honestos, bem-humorados, trabalhadores, não faltam ao serviço. Se eu contrato alguém que não é cearense, acabo tendo problemas, porque as pessoas não honram os compromissos, vêm trabalhar zangadas. E tem muita gente do Ceará que começou como cozinheiro, garçons e se torna empresário do ramo". [20]

> "Eu escolho muito, eu pergunto se o cara era da cidade ou do interior, o da cidade não agüenta, é muito malandro, eu escolho da roça ou serrano, porque serrano normalmente é trabalhador".[21]

A justificava dos dois entrevistados para o fato de priorizarem a contratação de cearenses nos restaurantes nos instiga a abrir um parêntese nesse tópico, articulando as declarações deles com a questão da invenção do outro, tema abordado no Capítulo I deste trabalho. Para o proprietário espanhol, a quem pertence a primeira declaração supracitada, o cearense é esse outro que suporta o trabalho, tem bom-humor e honra com os compromissos. Para o segundo entrevistado, o "outro" que serviria para trabalhar em restaurante seria apenas o que ainda não tivesse tido contato com a cidade, pois o citadino não seria capaz de suportar o rojão de trabalho.

Os garçons, por sua vez, alegam que só os migrantes suportam exercer funções de trabalho nos restaurantes e bares, devidos aos horários e ao funcionamento nos finais de semana. Nos relatos dos entrevistados, percebe-se a criação de um perfil de empregado que se adapta a essas funções, perfil esse criado a partir das práticas cotidianas. A necessidade de sobreviver faz o migrante se sujeitar a um trabalho cujos horários são pouco convencionais se comparados a algumas funções em outras áreas, afirmam alguns garçons consultados.

[20] Eugênio, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 22 de novembro de 2006.
[21] Antônio Rodrigues, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 2006.

Entendemos que a partilha dessas representações entre os cearenses que vêm para a cidade e são empregados nos bares e restaurantes pode inclusive vir a contribuir para a continuidade do "fenômeno" de cearenses garçons, visto que essa representação passa a ser um papel a ser exercido na cidade-destino.

2.3 - Os garçons cearenses: o cotidiano na capital carioca

É interessante perceber também que a "tradição" de cearenses como garçons não tem relação ao exercício da função nas suas cidades natais. Conforme declara Ribamar, um dos entrevistados, na época em que ele migrou para o Rio de Janeiro, no ano de 1981, não havia restaurante algum em Reriutaba, sua cidade. "Lá eu não era garçom e nem tinha como ser. Quem vem morar no Rio de Janeiro hoje, já sabe o que é um restaurante, mas no meu tempo, a gente nem imagina direito como era".[22]

Outro entrevistado, Patriolino, expõe alguns aspectos que nos levam a interpretar a "tradição" de garçons cearenses como "inventada" [23].

> "Não tem a menor possibilidade de eu voltar a morar na minha cidade natal para trabalhar em restaurante. Lá até hoje não tem esse tipo de serviço de forma decente e eu não teria condições de manter o padrão de vida que tenho aqui se fosse para lá trabalhar como garçom" [24].

Relacionar o "fenômeno" dos garçons cearenses no Rio de Janeiro com o pensamento de Hobsbawm sobre as tradições de forma alguma tem como intenção questionar a tradicionalidade da questão. O que desejamos com esse diálogo é mostrar como práticas decorrentes da presença de migrantes da cidade podem ser construídas e se manterem ao

[22] José Ribamar, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.
[23] A expressão "invenção das tradições" é utilizada por Eric Hobsbawm, em livro homônimo (Hobsbawm; Ranger, 1997). A "tradição inventada" compreenderia a instituição de um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, baseadas na invariabilidade e repetição, implicando uma continuidade em relação ao passado. Hobsbawm, entretanto, define esse passado como "real ou forjado", diferenciando as "tradições genuínas" daquelas "tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas". No presente trabalho, optamos por não desenvolver essa discussão.
[24] Patriolino, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 2007.

longo das décadas, tendo como um dos fatores de continuidade as representações que circulam na cidade, e para além dela, sobre determinada condição.

A "tradição" dos cearenses trabalhando como garçons e em outras funções em bares e restaurantes da cidade do Rio de Janeiro promove a constituição de redutos de conterrâneos, que passam a vivenciar, no local de trabalho, experiências que poderíamos chamar de comunitárias. Os redutos são formados por cearenses nascidos na maioria das vezes em cidades pertencentes à região noroeste do Ceará, próximas umas das outras. É interessante ressaltar que esses encontros entre cearenses nascidos em cidades próximas vieram a ocorrer somente no Rio de Janeiro, cidade grande, onde devido à numerosidade da população e grande extensão territorial, era de se esperar que encontros do gênero fossem mais difíceis de acontecer. Os próprios garçons entrevistados ressaltam essa curiosidade:

> "Você acredita que aqui no Rio de Janeiro, essa cidade enorme, conheci pessoas de várias cidades perto da minha lá no Ceará. Lá eu nunca iria conhecê-las. Aqui muita gente que é do Ceará freqüenta os mesmos lugares e isso proporciona um meio de convívio. Até a gente vai conhecendo muita gente".[25]

> "Aqui a gente reconhece outro cearense de longe e mesmo sem saber quem é parece que já conhece. Acho que é por causa da cultura, do linguajar".[26]

O ramo de bares e restaurantes configura-se então como ponto de convergência entre diversas cidades do Estado do Ceará, funcionando como contraponto à dispersão, apontada por teóricos da Escola de Chicago (Simmel, 1979; WIRTH, 1979) como uma tendência própria de uma grande cidade. Não é desejo, entretanto, ao ressaltarmos esses encontros possíveis na metrópole, irmos de encontro ao pensamento dos teóricos clássicos com o qual trabalhamos no Capítulo II desta dissertação. O intuito é dilatar a discussão, permitindo que a cidade seja vista através de lentes múltiplas, como lócus de sobreposição, de tensão e de ininterrupta dinâmica. A predominância de cearenses trabalhando como garçons no Rio de

[25] Sérgio Pereira Neto, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 22 de novembro de 2006.
[26] Pedro Barros Pereira, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 28 de novembro de 2006.

Janeiro proporciona a constituição de um meio, aumentando as chances de encontros e relações entre os migrantes nascidos no Ceará.

Como conseqüências das relações entre os migrantes facilitadas pela existência desses redutos comerciais, a saber, bares e restaurantes, outro contraponto à cidade moderna analisada por Wirth (1979) e Simmel (1979) emerge: a solidariedade compartilhada entre os conterrâneos. Na cidade grande, as relações interpessoais entre migrantes, assim como entre habitantes nativos de determinado lugar, podem sim ser mais diretas e baseadas em afetos. Antes de prosseguirmos, duas ressalvas: estamos cientes de que a solidariedade se pronuncia em outras instâncias da cidade, envolvendo diversos atores sociais, e compreendemos essa solidariedade dentro de um contexto amplo, no qual co-habitam concorrência e competitividade.

O desenvolvimento de relações interpessoais entre conterrâneos desconhecidos pode ser explicado pelo fato de que inicialmente essas relações representam um ponto de apoio durante a fase de adaptação às novas condições de vida (DURHAM, 1973: 191). O migrante dependeria desses contatos pessoais para sobreviver às situações de estranhamento, vivenciadas no novo meio urbano, por exemplo.

Nos restaurantes, a solidariedade, conforme ressaltam alguns entrevistados, ajudaria a contornar as dificuldades causadas pela falta de experiência prévia no ramo. A partilha de vivências entre os conterrâneos extrapolaria a seara do trabalho, abrangendo outras práticas citadinas, como a própria circulação no espaço.

> "Por mais que a gente não saiba de nada sobre o trabalho, quando começa, já tem alguém conhecido dentro do restaurante. Isso facilita muito. O linguajar é o mesmo. Você chega e o cara diz: deixa comigo, eu te ensino, eu conheço isso, aquilo, esse lugar é ali, eu conheço fulano. E aos poucos você vai se soltando, se sentindo à vontade e conhecendo a cidade." [27]

O que Sérgio ressalta é possível de ser costurado com o pensamento de Durham, quando ela afirma que o migrante nacional não sofre uma redução drástica do seu universo de

[27]Sérgio Pereira Neto, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 22 de novembro de 2006.

participação social se comparado ao migrante internacional. A autora ressalta que na prática ocorrem novas formas de participação social, de trabalho e de recreação, próprias da cidade, as quais proporcionam um enriquecimento da experiência e da personalidade" (DURHAM, 1973: 201). No que se refere à presença de conterrâneos nos locais de trabalho, o sentimento descrito pelos entrevistados, exemplificado na declaração anterior, de Sérgio, relaciona-se com a busca de proteção em um local desconhecido, condição intimamente ligada à vida do migrante. Nesse sentido, podemos sugerir que as primeiras relações estabelecidas pelos migrantes com a cidade do Rio de Janeiro contam com a mediação dos conterrâneos que já estão na cidade há mais tempo, promovendo um intercâmbio de sentidos e de experiências.

Para os entrevistados, essa troca é facilitada pelo fato dos cearenses compartilharem os mesmos códigos de comunicação, ou o "mesmo linguajar", amenizando, assim, as dificuldades de adaptação na nova cidade. Nas entrevistas, observamos que o conterrâneo é caracterizado sempre como um referencial familiar. É como se a origem em comum fizesse desse "outro", teoricamente estranho, um quase conhecido. É como se nessa nova relação, as etapas iniciais de apresentação fossem queimadas ou pelo menos aceleradas. Esse desejo de proteção que leva os migrantes, no presente caso, cearenses, a se sentirem mais seguros trabalhando ao lado de outros conterrâneos, relaciona-se ao que Bauman sugere ao afirmar que comunidade é essa palavra evoca o que sentimos falta e o que precisamos para viver seguros e confiantes (BAUMAN, 2003: 9).

No caso dos migrantes cearenses, chegar à chamada cidade grande significa estar desprotegido. Em busca de identificação, busca-se então estar próximo aos que sentem falta da mesma coisa, que pode ser, por exemplo, o

> "paraíso perdido ou paraíso ainda esperado; de uma maneira ou de outra, não se trata de um paraíso que habitemos e nem de um paraíso que conheçamos a partir de nossa própria experiência. Talvez seja um paraíso precisamente por essa razão." (BAUMAN, 2003: 9).

A declaração de Bauman funciona como um elo entre migração e comunidade, relação possível a partir de vivências diversas, entre as quais, o cotidiano de trabalho. Não cremos que o objetivo de viver em redutos ou comunidades seja encontrar o paraíso, mas acreditamos que para os migrantes trabalhar em locais onde existam outras pessoas com trajetórias de vida semelhantes é uma forma de protagonizar novas sociabilidades na cidade contemporânea.

Fora do local de trabalho, os momentos de lazer e lugares de residência integram também essa sociabilização. Como exemplos, destacamos o futebol no Aterro do Flamengo, que reúne, diariamente, sempre às madrugadas, centenas de funcionários de bares e restaurantes. O horário pouco convencional se deve à rotina de trabalho da maioria dos participantes do futebol, que se dirige ao local depois do expediente. No que se refere à moradia, alguns locais da cidade do Rio de Janeiro levam a fama de abrigar grande número de cearenses e garçons, como as favelas da Rocinha, em São Conrado, do Rio das Pedras, em Jacarepaguá, e da Maré, na Zona Norte.[28]

A opção por trabalhar, se divertir e morar em redutos de conterrâneos nos aproxima do que Homi K. Bhabha, citando Frantz Fanon, ressalta ao tratar sobre a sociabilidade entre migrantes. Para o autor, estar perto dos conterrâneos é uma forma de afirmar tradições culturais nativas e recuperar histórias reprimidas; é também uma ponte que possibilita o fazer-se presente, visto que capta algo do espírito de distanciamento que acompanha a re-locação do lar e do mundo. Nesse sentido, um novo elemento, o estranhamento, surge como a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais.

> "O momento estranho move-se sobre nós furtivamente, como nossa própria sombra (...) Nesse deslocamento, as fronteiras entre casa e mundo se confundem e, estranhamente, o privado e o público tornam-se parte um do outro, forçando sobre nós uma visão que é tão dividida quanto desnorteadora." (BHABHA, 1998: 29-30).

[28] No que se refere aos redutos residenciais, de acordo com pesquisa do IBGE, cerca de 50% dos cearenses que chegam ao Rio vão morar em favelas. Os dados constam na reportagem publicada no Jornal O Globo, no dia 20 de maio de 2005, intitulada "Migrantes fazem da Rocinha e da Maré seus principais redutos".

Para tentar amenizar essa sensação de não pertencer, busca-se o comum. Quem migra, ainda que traga histórias pessoais diversificadas, em algum ponto encontra algo na história do outro que gere certa identificação. E de alguma forma imagina que nesse outro familiar poderá encontrar apoio durante essa fase de adaptação. Desse diálogo, a depender da situação, desponta o que se conhece como solidariedade social.

> "Numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros Se tropeçarmos e caírmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça" (BAUMAN, 2003: 8).

A presença de grande número de cearenses atuando no setor de bares e restaurantes, como cozinheiros, copeiros, garçons, *maitres*, entre outras funções, permite estabelecermos relações com questões próprias da migração e da vida nas metrópoles. Considerando que em certos casos é no ambiente de trabalho que passamos a maior parte do dia, os bares e restaurantes poder vir a se tornar, para os funcionários cearenses, uma localidade, no sentido que Arjun Appadurai empresta ao termo. Para o autor, "localidades são mundos da vida constituídos por associações relativamente estáveis, histórias relativamente conhecidas e compartilhadas e espaços e lugares reconhecíveis e coletivamente ocupados" (APPADURAI, 1996).

As relações comunitárias vivenciadas no ambiente de trabalho podem ser transpostas para o ambiente doméstico através de uma prática que durante algum tempo foi comum entre os empregadores. Alguns proprietários de restaurantes, de acordo com informações de garçons entrevistados, chegaram a criar alojamentos para receber os migrantes, garantindo, além do trabalho nos estabelecimentos, alimentação e moradia.

> "Quando eu vim pela primeira vez para o Rio, morei num barraco que tinha do lado do restaurante onde eu trabalhava. Lá moravam outros empregados vindos de outros lugares do Nordeste, muitos eram do Ceará. No alojamento, a gente tentava organizar a vida da forma que era possível. Tinha uma tabela

> indicando quem faria a limpeza diária e outros afazeres. Às vezes, acontecia de todo mundo ficar triste, com saudade, e a gente chorava sem querer". [29]
>
> "O seu Chico, dono do La Mole, criou um alojamento para esse pessoal que vinha do Ceará ficar. Muita gente passou por lá, moravam lá e trabalhavam lá. Alguns patrões faziam isso para ajudar quem estava chegando, quem ainda não conhecia nada da cidade. Mas a tendência é de que com o passar do tempo cada um fosse seguindo o seu caminho, achando um lugar para viver independente". [30]

Esse movimento que causa a formação de comunidades cada vez mais extensas, resultando na consolidação de verdadeiras filiais de algumas cidades cearenses no Rio de Janeiro é para nós um dos fatores que mantém a migração ativa. Neste sentido, a seguir, faremos algumas considerações sobre a migração, realizando inicialmente um relato histórico e em seguida apresentando o que os entrevistados declararam como motivos para o seu deslocamento em direção ao Rio de Janeiro. Os pequenos relatos dos migrantes sobre a capital carioca teriam o poder de convencer os conterrâneos a migrar?

[29] Diassis, entrevista realizada em Guaraciaba do Norte (CE), no dia 25 de janeiro de 2006.
[30] José Ribamar, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.

III - Migração no Brasil: Rio de Janeiro como destino

O Rio de Janeiro é o quarto estado que mais atrai migrantes de todas as regiões. O primeiro é São Paulo, seguido de Minas Gerais e Goiás. Depois de uma queda inédita entre 1980 e 1991, o número de migrantes no Estado do Rio de Janeiro voltou a crescer na década passada[31]. O Ceará aparece em terceiro entre os estados do Nordeste cuja população mais migra para o Rio de Janeiro: 8,5% do total. Em primeiro está a Paraíba (14,6%) e, em segundo, Pernambuco (9,3%). Conforme dados do IBGE[32], 166.119 cearenses não residiam no Ceará em 1995. Desse total, o Estado do Rio de Janeiro encontra-se registrado como o destino de 16.014 pessoas.

Ainda que o Estado brasileiro que mais receba migrantes cearenses seja São Paulo, verifica-se, com base nas tabelas do IBGE sobre fluxos migratórios, que na região noroeste do estado do Ceará o destino mais procurado é o Rio de Janeiro. Das 22.640 pessoas nascidas na região e que em 1995 não residiam lá, 7.337 encontravam-se no Rio de Janeiro e 4.706 em São Paulo. Esse dado oficial respaldou a informação obtida na vivência cotidiana no Rio de Janeiro. Em conversas informais com os migrantes cearenses é comum constatar que boa parte veio de municípios localizados na região noroeste do Ceará. Se tomarmos o ramo de bares e restaurantes do Rio de Janeiro como referência de local de trabalho, os garçons – cearenses na sua maioria – também nasceram em cidades da mesma região.

Este deslocamento de cearenses para a cidade do Rio de Janeiro está contido de forma mais significativa nos dois últimos momentos da migração interna no Brasil, de acordo com a classificação de Graham e Holanda Filho (1973). O primeiro período está situado entre o final do século XIX e a década de 1920, quando se observa um crescimento constante dos fluxos

[31] De acordo com o Censo 2000 do IBGE, o número de migrantes no Rio de Janeiro passou de 2,28 milhões em 1991 para 2,47 milhões em 2000. De 1995 a 2000, 319.749 pessoas se mudaram para o Rio de Janeiro e, com base em dados referentes a 2000, 52,6% desse contingente migratório era de nordestinos.
[32] Censo Demográfico - 2000: Migração e Deslocamento: Resultados da Amostra. Dados retirados de tabelas disponíveis no endereço http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default_migracao.shtm. Último acesso: 30/03/2007.

migratórios. O segundo período, que vai até 1950, é caracterizado por um crescimento vertiginoso das taxas de migração; a partir de 1960, considerado o terceiro momento, verifica-se uma pequena diminuição dos índices. Antes da migração interna tornar-se comum no país, eram os estrangeiros que detinham a predominância nos processos relacionados ao deslocamento populacional.

A transferência da capital federal de Salvador para o Rio de Janeiro, no ano de 1763, é considerada o marco inicial da migração no estado fluminense, conforme explica o pesquisador Fernando Albuquerque[33], gerente do projeto Componentes da Dinâmica Demográfica do IBGE. O fenômeno ganha fôlego alguns anos depois, com a vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro e a posterior abertura dos portos às nações amigas do país. Esses acontecimentos contribuíram para o processo de consolidação da cidade como centro de poder político e econômico, fato que atraiu grande número de migrantes estrangeiros, conforme abordamos no capítulo 1.

A migração para o Rio de Janeiro ganha novo impulso na década de 30, com a chegada de mineiros, baianos, alagoanos e pernambucanos. Nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, avanços tecnológicos são incorporados às áreas de saúde de alguns estados brasileiros como São Paulo, Rio de Janeiro e o Estado da Guanabara. Esse fato passa a funcionar como atrativo para que brasileiros de outras partes do país se desloquem para as grandes cidades, em buscam de uma vida melhor.

Nas décadas de 40 e 50, o fluxo de nordestinos para o Sudeste teve como um dos grandes símbolos o caminhão pau-de-arara. Por causa das condições desumanas com que carregavam os migrantes, acabaram sendo proibidos. Entretanto, mesmo ilegal, o pau-de-arara durante muito tempo continuou a ser o meio de transporte utilizado para se locomover entre as cidades nordestinas e os estados como Rio de Janeiro. Por conta da fiscalização, a viagem

[33] Entrevistado na reportagem "Os novos migrantes: do pão de queijo ao baião-de-dois", publicada no Jornal O Globo, edição de 16 de maio de 2005, p.8

terminava antes de chegar à capital fluminense, obrigando os viajantes a descobrir por si mesmos as formas de chegar à cidade de destino.

O jornalista Mario de Moraes, que em 1955, juntamente com o também jornalista Ubiratan de Lemos, já falecido, viajou em um pau-de-arara por 11 dias, de Salgueiro (PE) até Caxias (RJ). Os dois estavam ao lado de 102 nordestinos, apertados em uma carroceria desconfortável e suja. A viagem foi relatada na reportagem "Uma tragédia brasileira: os paus-de-arara", veiculada na revista *O Cruzeiro*, vencedora do primeiro Prêmio Esso de Jornalismo. Em entrevista ao jornal *O Globo*, Mario relembra o desfecho da viagem: "Era proibida a entrada de paus-de-arara no Rio. Quando chegou em Caxias, um dos motoristas mandou que todos desembarcassem, dizendo que estávamos no Rio. E retornou". (Jornal O Globo, 17 de maio de 2005).

Durante o tempo em que o principal meio de transporte dos migrantes nordestinos era o pau-de-arara, viajar para a terra natal a fim de visitar a família era raro. Um dos entrevistados desta pesquisa, que migrou para o Rio de Janeiro em 1958, relata:

> "Hoje é fácil você voltar pro Nordeste, mas antigamente era muito difícil. Levava de cinco, dez dias. Por exemplo, quando eu vim com a minha família, nós levamos cerca de 30 dias de viagem. Eu não lembro mas minha mãe lembra. Era um lotação, as estradas eram de barro, não tinha estrada asfaltada. Hoje já mudou muito, já não vem mais tanto nordestino quanto vinha antigamente. Antigamente vinha de carrada como se fala no Ceará"[34].

Os caminhões, que traziam os nordestinos de "carrada" foram aos poucos substituídos por *kombis* e depois por ônibus. Mas não totalmente. Um fato ocorrido há 17 anos mostra que o transporte, aparentemente banido das rodovias, ainda era usado:

> "Em janeiro de 1990, a curiosidade de retirantes diante das belezas da Baía de Guanabara levou à apreensão de um pau-de-arara na Ponte Rio-Niterói. (...) Ansiosos para observar a vista da ponte, alguns dos 22 migrantes que viajavam espremidos no caminhão F-400, da Bahia para São Paulo, retiraram a lona que cobria a carroceria, despertando a atenção da polícia".(Jornal O Globo, edição do dia 17 de maio de 2005).

[34] José Raimundo, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.

Antes da proibição, os caminhões, ao chegarem no Rio, dirigiam-se ao bairro de São Cristóvão para o desembarque dos passageiros. Os migrantes que já estavam na cidade iam até o local para receber os seus parentes. Para matar o tempo da espera, levavam comida e viola. Muitos iam ao local, conhecido também como Araroviária[35], à espera não só dos viajantes: queriam receber as encomendas que o pessoal do norte e do nordeste havia mandado.

Ao desembarcar, não raro, os migrantes comercializam produtos que traziam na bagagem e assim conseguiam algum dinheiro para sobreviver nos primeiros dias na cidade. As práticas estabelecidas no local deram origem à Feira de São Cristóvão, inaugurada formalmente no dia 2 de setembro de 1945, pelo cordelista Raimundo Santa Helena, e que durante décadas funcionou no campo de São Cristóvão. Em 2002, o Pavilhão de São Cristóvão foi reformado e a feira se transformou no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas (CHAVES, 1999). A partir da história do surgimento da Feira de São Cristóvão, percebe-se, logo na chegada à cidade, que juntamente com o fluxo de passageiros, há um intercâmbio simbólico de elementos dos lugares de origens.

Ao longo das décadas, os meios de transportes utilizados pelos migrantes foram se modernizando e a demanda ocasionou o surgimento de novos serviços, como as linhas de ônibus que saem de cidades como Guaraciaba do Norte e Varjota, no Ceará, diretamente para redutos residenciais de nordestinos no Rio de Janeiro, como as comunidades da Rocinha e do Rio das Pedras.

A melhora nas condições de transporte nos leva a refletir sobre a interferência dessa mudança no próprio fluxo de cearenses no Rio de Janeiro, bem como nas características dessa migração. Conforme constatado entre os entrevistados que migraram até a década de 60, quem migrava para o Rio e Janeiro pouco sabia sobre a cidade. Já as pessoas que saíram de

[35] Nome que vem da junção das palavras rodoviária e pau-de-arara.

seus locais de origem rumo ao Rio de Janeiro a partir da década de 70, mencionam em suas falas terem obtido informações sobre o Rio de Janeiro através dos relatos de cearenses que voltavam ou visitavam a cidade natal.

Ainda que esses indícios estejam distantes de nos oferecer uma garantia sobre as transformações ocorridas, acreditamos que à medida que o ir e vir iam sendo facilitados pelos avanços nos meios de transporte, foi-se tornando mais comum a ida de migrantes à sua terra natal. Essas viagens acabavam por permitir uma maior circulação das representações sobre a capital carioca, possibilitando também contatos mais freqüentes entre migrantes e conterrâneos. Assim, acreditamos que o conhecimento sobre a cidade do Rio de Janeiro, para aqueles que migraram a partir da década de 80, passou a ser maior, entre outros fatores, devido ao aumento do número de visitas dos migrantes à sua terra natal. Mais visitas, mais relatos em circulação.

É importante considerarmos também a popularização dos meios de comunicação de massa, no referido período, como fator que pode ter gerado maiores informações sobre o Rio de Janeiro em cidades do interior do Ceará. Entretanto, é interessante perceber que, nas entrevistas realizadas durante esta pesquisa, considerando inclusive os migrantes mais jovens, que chegaram à capital carioca no final dos anos 1990, a televisão, por exemplo, não foi citada como meio de conhecimento sobre a cidade do Rio de Janeiro.

É pertinente observar que o fato da televisão não ter sido mencionada como fonte de conhecimento sobre a capital carioca pode ter ocorrido em virtude da força dos relatos pessoais, que fazem com que essas narrativas midiáticas não representem para os migrantes algo relevante a ser citado. Estamos cientes, porém, que mesmo sem terem sido consideradas pelos entrevistados, as narrativas televisivas poder ter exercido influência no conhecimento que os cearenses das cidades da região noroeste tinham sobre o Rio de Janeiro.

3.1 – Discursos sobre o deslocamento: relatos teóricos e narrativas migrantes

Migração é palavra que nos remete a movimento, deslocamento, mudança de lugar e de moradia. Cearenses que moram no Rio de Janeiro e trabalham como garçons são migrantes. Boa parte deles, a maioria, pode-se dizer, veio de cidades vizinhas, umas das outras. Assim, a mesorregião noroeste do Estado do Ceará, por dados e questões que iremos apresentar, configura-se como um lugar onde quem nasce de alguma forma irá estabelecer relação com a cidade do Rio de Janeiro, seja pela vivência explícita da migração, pelo parentesco e amizade que possui com quem migrou ou simplesmente pelas histórias que ouve falar sobre a capital carioca.

Iniciaremos um pequeno relato sobre a questão da migração como processo social a partir do conteúdo das entrevistas realizadas com os garçons. Nesse momento, o foco do nosso interesse se volta para os motivos que levaram esses cearenses a deixar a sua terra de origem e mudar para a cidade do Rio de Janeiro. Vejamos algumas declarações:

"Vim para o Rio por curiosidade e não por necessidade financeira. Tinha uma vida estável em Guaraciaba, mas algo me faltava".[36]

"A gente vem em busca de uma melhora. A primeira geração vinha por causa da seca, as outras, por causa dessa influência".[37]

"Como todo nordestino, vim pela necessidade, por causa da seca de 58. Meu pai veio primeiro, para tentar a sorte no Rio de Janeiro, para mandar dinheiro para a família. Só depois nós viemos".[38]

"A minha história é como a de todos. Vim para tentar a vida".[39]

"Vim com meus tios, que já moravam aqui e foram passear de férias. Como eu tava já na idade, já tinha 18 anos, daí eu vim. Tive curiosidade". [40]

[36] Diassis, em entrevista realizada em Guaraciaba do Norte, em 25 de janeiro de 2006.
[37] José Ribamar, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.
[38] José Raimundo, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.
[39] Antônio Rodrigues, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 2006.

"Vim por causa da condição financeira e tinha curiosidade pra saber como era a cidade".[41]

"Qualquer coisa aqui pouca, podia ser melhor do que o mais lá. Então eu fiquei no Rio".[42]

Nos relatos dos entrevistados, alguns aspectos chamaram a nossa atenção. Mais do que a garantia de uma mudança em relação a uma determinada situação, percebe-se, a partir das respostas, que o ato de migrar traz sempre uma relação com algum desejo. A recorrência da palavra "curiosidade" sinaliza a subjetividade presente no fenômeno da migração, sugerindo que a necessidade declarada por alguns como motivo para a mudança pode assumir diferentes significados. Nesse sentido, são oportunas as contribuições de Rebello, quando afirma que "[...] a mudança geográfica parece ser a concretização de uma demanda subjetiva que, juntamente com aspectos sócio-econômicos, vão impulsionar o evento" (REBELLO, 1997: 58), e de Ferreira (1996) ao destacar que na maioria dos casos a mobilidade está associada a um sonho de conquista, transformação e progresso.

As declarações dos entrevistados sobre os motivos pessoais que os levaram a migrar nos estimulam a buscar mais dados sobre a migração como processo social. Para Durham (1973), os migrantes sempre explicam a migração como uma tentativa de melhorar de vida, de sair de uma situação econômica desfavorável, que é vista como permanente. A questão da permanência é considerada também por Abdelmalek Sayad (1988), que caracteriza a imigração como prática condenada a uma dupla contradição: pode tanto ser um estado provisório que se quer prolongar indefinidamente ou, ao contrário, ser um estado mais duradouro que se deseja viver com um intenso sentimento do provisoriedade.

---

[40] Mário Jorge Alves, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 2006.
[41] Francisco de Paula da Silva, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 22 de novembro de 2006.
[42] Patriolino, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 2007.

> "Por se encontrar dividida entre essas duas representações contraditórias, tudo acontece com se a imigração necessitasse, para poder se perpetuar e reproduzir, ignorar a si mesma (ou fazer de conta que se ignora) e ser ignorada enquanto provisória e, ao mesmo tempo, não se confessar enquanto transplante definitivo" (SAYAD, 1998: 45-46).

A questão da provisoriedade surge como assunto presente nos relatos dos garçons entrevistados no decorrer desta pesquisa. A saudade, que acaba por atrapalhar a adaptação na nova cidade, aparece como elemento motivador de um retorno precoce, fazendo com que alguns migrantes não consigam permanecer na cidade por muito tempo. Em algumas cidades do interior do Ceará, é comum o chefe de família passar temporadas no Rio de Janeiro, trabalhando para sustentar a família, que permanece no Ceará. De tempos em tempos, regressam para as suas cidades, para depois migrarem novamente. Há casos também em que os chefes de família migram primeiro e depois de conseguirem estabilidade mínima trazem o restante dos parentes.

Entre os jovens, solteiros, a migração provisória, por temporadas, ocorre com certa freqüência. Entre os garçons entrevistados, destacamos os depoimentos de Mário e Antônio sobre essa questão:

> "Passei um tempo aqui no Rio de Janeiro e voltei pra minha cidade. Tive vontade de ficar lá, mas aí o dinheiro acaba e a gente volta. Passei um tempo lá, vim pra cá, fiquei alguns meses, fui de novo para Hidrolândia. No fundo, acho que todos têm o sonho de voltar um dia para sua terra, arrumar um dinheirinho e morar lá novamente".[43]

> "A maioria volta entre oito meses e um ano e meio. É o primeiro impacto. Ele volta, acaba a graninha e diz: tenho que voltar de novo. Depois da segunda e terceira viagem, estabiliza, baixa a bola e fixa aqui, vai arrumar um barraco na favela pra morar, acaba casando, tendo filhos".[44]

A provisoriedade da condição, que contempla as visitas feitas à terra natal, envolve elementos referentes ao espaço, ao lugar, ao modo de presença permitido ao imigrante e à maneira de estar ausente. A presença aqui possui vínculo direto com a ausência lá, explica

[43] Mário Jorge Alves, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 2006.
[44] Antônio Rodrigues, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 2006.

Sayad. Desse modo, todo imigrante continua sendo, em algum sentido, um emigrante de algum outro lugar. A relação com o espaço, com o tempo e com a própria condição de migrante é alterada sempre que se produz o encontro com a terra natal. Nessas oportunidades, o emigrante tem a impressão de que suspendeu a sua emigração ou que ela acabou. Contudo, mesmo em sua terra, tudo nele e em volta dele lembra-lhe novamente que é um emigrante (SAYAD, 1998: 109).

A observação feita pelo autor dialoga com o comentário do garçom Batista, ao narrar o que sente ao visitar a cidade de Guaraciaba do Norte, onde nasceu e morou até os 18 anos de idade.

> "Eu acho na verdade Guaraciaba uma cidade pra mim bem estranha. Já fez três anos que eu não vou lá e quando eu for, vou encontrar mais coisas diferentes. O que me incomoda é o seguinte: eu ser filho de lá e eu ser visto como uma pessoa estranha. Isso me incomoda muito. Me sinto um passarinho fora do ninho. Meus amigos que tenho lá são as pessoas do tempo de colégio, são essas pessoas que eu tenho contato. Os mais jovens, que nasceram lá, ou gente mais velha, que era de outra cidade e foi morar lá, me vêem e dizem: 'Quem é aquele cara?' Eu me sinto uma pessoa estranha. Isso faz eu não querer mais voltar pra lá. Eu conheço a cidade mas a cidade não me conhece mais".[45]

A partir do que nos revela o entrevistado, é possível dizermos que, para alguns migrantes, o sentimento de estranhamento vivido na nova cidade ocorre, de outras formas, quando há o retorno, permanente, provisório ou por motivo de férias, à cidade natal. A dificuldade de se sentir em casa, mesmo estando na sua cidade de origem, para alguns migrantes, como o garçom Batista, é motivo que os faz permanecer na cidade-destino.

No processo de deslocamento, antes mesmo da partida ocorrer, o emigrante entra em um estágio de construir novos espaços. Imagina, com base em representações diversas sobre o Rio de Janeiro, que circulam, por exemplo, através de relatos pessoais compartilhados, como será a vida que lhe espera. Essa experiência, notadamente indireta, não deixa de ser real. Com

[45] Batista, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 2007.

base em Yi-Fu Tuan (1983), é possível compreendermos melhor as primeiras fases da relação com o novo lugar, vivenciada pelos migrantes, antes mesmo da mudança de cidade ocorrer.

No início do processo, a possibilidade de mudar já interfere na relação com o próprio local de origem. É como se, motivados pelo desejo da mudança, o futuro migrante alterasse a sua presença no local onde está. Ainda não saiu, mas de certo já não está presente da mesma forma. É como se a fase de conhecimento conceitual sobre o outro lugar já tivesse começado.

> "A experiência pode ser direta e íntima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada por símbolos. Conhecemos nossa casa intimamente; podemos apenas conhecer algo sobre o nosso país se ele é muito grande. (...) Uma pessoa pode conhecer um lugar tanto de modo íntimo como conceitual. Pode articular idéias, mas tem dificuldade de expressar o que conhece através dos sentidos do tato, paladar, olfato, audição e até pela visão". (TUAN, 1983:7)

Indireta e conceitual seria a experiência com o Rio de Janeiro vivenciada pelo migrante antes de chegar à cidade. No âmbito dessa mediação por símbolos, repousaria o que Tuan chama de primeiro tipo de espaço mítico, resposta sentimental e imaginária, que ignora a lógica da contradição e exclusão, às necessidades fundamentais do homem.

> "O primeiro tipo de espaço mítico é uma extensão conceitual dos espaços familiar e cotidiano dados pela experiência direta. Quando imaginamos o que fica do outro lado da cadeia montanhosa ou do oceano, nossa imaginação constrói geografias míticas que podem ter pouca ou nenhuma relação com a realidade". (TUAN, 1983: 97)

Além da interferência na relação que o migrante tem com o seu lugar de origem e de destino, a migração altera também a percepção que o protagonista do deslocamento tem sobre o tempo. Para Menezes (1976) a mudança de contexto implicaria não apenas em deslocamento geográfico, espacial, mas também numa "reorganização temporal", pois a temporalidade passaria por uma nova cronologia, sendo delimitada pela própria mudança. O migrante estabeleceria como referência temporal o antes da mudança e o depois da mudança, projetando o seu o futuro no desejo de retorno.

> "A seqüência de eventos que constituem, na bibliografia individual, o passado e o presente, passa a ser ordenada em função do 'antes' e 'depois' da mudança. Este é o momento de rompimento do continuum temporal que

> constitui a vida cotidiana dos indivíduos e se apresenta como um momento especialmente difícil, carregado de emoção e, às vezes, encarada dramaticamente" (MENEZES, 1976: 22).

Diante das observações feitas sobre a relação espaço-tempo, inseridas no contexto migrante, podemos dizer que de um modo geral migrar determina o começo de uma nova vida e tem o significado de um nascimento. Nesse sentido, pode ser associado também o conceito de espaciosidade, que se aproxima da sensação de estar livre e de ter poder e espaço suficientes para atuar. O significado fundamental de estar livre é a capacidade para vencer a condição presente, e a forma mais simples para tal seria o poder básico de se locomover (TUAN, 1983: 59).

Esse desejo por liberdade, ressalta Tuan, aparece nos relatos dos migrantes de diversas formas. Para alguns, espaço e liberdade significam poder ter mais oportunidades de trabalho; para outros, representam a possibilidade de conhecer novos lugares. Ainda que a questão do trabalho esteja presente na grande maioria dos casos de migração, é possível encontrarmos outros elementos que justificam esse deslocamento, como a curiosidade, sobre a qual nos referimos anteriormente. Tuan destaca que a vontade de conquistar mais espaço é um dos motivos que levam as pessoas, sobretudo as mais jovem, a migrar.

> "Por que a gente do campo, especialmente o jovem, troca suas pequenas vilas pelos centros metropolitanos? Uma razão é que a vila carece de espaço. O jovem a considerava apinhada em um sentido econômico porque não oferecia empregos suficientes, e em um sentido psicológico porque lhe impunha muitas restrições sociais ao seu comportamento. A falta de oportunidade na esfera econômica e de liberdade na esfera social fazem o mundo dos isolados povoados rurais parecer estreito e limitado. Os jovens o abandonavam por empregos, liberdade e – em sentido figurado – pelos espaços abertos da cidade. A cidade era o lugar onde os jovens acreditavam que por si sós poderiam progredir e melhorar de vida. Paradoxalmente, a cidade parceira menos "apinhada" e "cercada" do que a zona rural, onde as oportunidades vinham diminuindo" (TUAN, 1983: 68-69).

A reflexão do autor sobre a questão do espaço relaciona-se com o que alguns garçons entrevistados apontaram como justificativa para a migração. Curiosidade em vivenciar novas experiências, disposição para buscar outras oportunidades, desejo por melhorar de vida foram motivos mencionados durante as entrevistas.

No que se refere aos motivos relatados para justificar o deslocamento, apresentaremos, a seguir, algumas considerações sobre a existência de uma possível cultura da migração, que, ao ser compartilhada, poderia criar certas representações sobre a condição, influenciando inclusive a compreensão que o próprio migrante ter sobre o processo no qual está inserido.

3.1.1 - Representações sobre o cearense migrante: um olhar cultural

Fenômeno arraigado ao cotidiano dos cearenses que moram em cidades localizadas na região noroeste do estado, a migração permite ser estudada a partir de diversos vieses. Uma abordagem que a trata sob a ótica da cultura é um desses caminhos. Carleial (2002) afirma que, em certos casos, crenças poderiam explicar os movimentos populacionais. Em outras, o deslocamento teria como causa a possibilidade de mobilidade social. Maria Juraci Maia Cavalcante, citada por Carleial, acredita que no Ceará a migração é prática social institucionalizada, aparecendo como possibilidade única de solução de problemas pessoais, do grupo, em âmbito econômico e social. Repassada como uma tradição, fazendo parte da educação familiar, essa cultura da migração contempla ainda aceitação da necessidade de emigrar como reação às condições de vida local e desejo de descobrir um modo de ser na grande cidade.

A cultura de migração teria como principais disseminadores os meios de comunicação de massa e as informações circulantes entre os próprios migrantes, tendo como pilar histórias pessoais bem-sucedidas (CARLEIAL, 2002). Desses dois formatos narrativos, interessa-nos, nesta pesquisa, as pequenas narrativas, compartilhadas oralmente entre os que já migraram e os que ainda permanecem na cidade natal, que denominamos “narrativas de convencimento”. O tema será desenvolvimento no próximo capítulo, mas, por enquanto, vale ressaltar que convencer não significa necessariamente ação intencional de quem narra o fato, podendo ser ato dos próprios ouvintes em relação a si mesmos, a partir das narrativas compartilhadas.

Na disseminação da cultura da migração haveria, ainda, um discurso migrante comunicado por letras de música, poesia, literatura de cordel e romances de autores nordestinos, discurso que Carleial divide em três momentos, articulados entre si, formando um sistema significativo e reafirmador de costumes. A primeira fase compreenderia as mensagens culturais sobre a migração, disseminadas por volta do ano de 1950 em diante, nas quais predominou o discurso de expulsão, evidenciando as perdas e ao mesmo tempo as maravilhas da cidade de destino. O migrante infeliz com o local de destino, com o fato de ser estrangeiro, vivendo em condições de moradia precárias, com saudade e vontade de voltar são elementos que caracterizam a segunda dimensão do discurso cultural, no qual estaria compreendido o estranhamento que o migrante sente em relação aos naturais do lugar. O discurso do retorno caracterizaria a terceira dimensão na cultura migratória. Nesta categoria, são marcantes as narrativas que ressaltam o indivíduo necessário à sua terra natal. O local de origem passa a ser o eldorado, o lugar onde será possível recuperar o que foi perdido (CARLEIAL, 2002: 10).

As considerações apresentadas por Carleial sobre o discurso migrante são relevantes dentro do contexto desta pesquisa visto que, assim como os discursos veiculados pelos meios de comunicação, essas narrativas podem vir a compor a representação pessoal que os migrantes fazem sobre a questão da migração na qual estão inseridos. É um jogo dinâmico, onde sujeitos que representam são ao mesmo tempo objetos de uma representação, atores camaleônicos, que produzem, reproduzem, editam, consomem e partilham leituras de mundo.

IV - Migração e comunicação

Se considerarmos que em algumas localidades do estado do Ceará migrar para o Rio de Janeiro ou algum outro lugar já faz parte da vida, podemos imaginar que para essa "tradição" se manter ao longo das gerações, é preciso que seja comunicada. Por essa inevitabilidade, podemos considerar a migração um processo comunicacional.

Na paradigmática reflexão proposta por Jesus Martín-Barbero, ao discutir a comunicação a partir das mediações e não propriamente dos meios, encontramos apoio para pensar a migração no âmbito da comunicação, realizando uma análise das representações sobre o Rio de Janeiro compartilhadas entre os migrantes. Sobre uma nova postura diante da pesquisa em comunicação, afirma Barbero:

> "Por muito tempo, a verdade cultural dos países latino-americanos importou menos do que as seguranças teóricas. E assim estivemos convencidos de que a comunicação nos deveria apresentar uma teoria – sociológica, semiótica ou informacional - porque só a partir dela seria possível demarcar o campo de interesse e precisar a especificidade de seus objetos. (...) Mas agora não estamos mais sozinhos: pelo caminho já encontramos pessoas que, sem falar de 'comunicação', não deixam de questioná-la, trabalhá-la, produzi-la: gente das artes e da política, da arquitetura e da antropologia". Foi necessário perder o 'objeto' para que encontrássemos o caminho do movimento social na comunicação, a comunicação em processo" (BARBERO, 2003: 289-290).

O autor, na declaração acima transcrita, ressalta a contribuição de outras áreas do conhecimento para a abertura de novos caminhos para a comunicação. No caso da pesquisa aqui desenvolvida, a transdisciplinariedade está presente tanto no tema proposto como no diálogo entre autores situados em diferentes searas teóricas, como a Geografia e as Ciências Sociais. Essa postura nos permite pensar a comunicação como ação humana que contribui para a sobrevivência da ordem social partilhada, deixando indivíduos e grupos livres para cultivar os próprios valores e as próprias verdades. A comunicação, conforme sugere Bechelloni (2004), assim entendida, torna-se recurso estratégico para se abrir a ouvir o diferente, o outro.

Entendemos que o outro, inventado, sobre o qual tecemos algumas considerações no Capítulo I, circula através de representações partilhadas nas relações sociais. Além das trocas interpessoais, a circulação dessas representações pode ocorrer através de outros meios, como os de comunicação de massa. O percurso porém entre a origem e o destino desse conteúdo, configurando um processo que poderíamos chamar de comunicacional, não consiste em uma telegrafia relacional e sim uma orquestração "ritual, sensível e sensual" (WINKIN, 1998: 10). Essa definição está na base do pensamento da Escola de Palo Alto, também conhecida como Colégio Invisível[46], que concebe a comunicação como partilha e não somente transmissão; como fato cultural, instituição e sistema social e não apenas ato individual.

4.1 - Escola de Palo Alto: é impossível não comunicar

Em *A Nova Comunicação*[47], Yves Winkin recupera a trajetória de pesquisa da Escola de Palo Alto, cujos primeiros trabalhos foram realizados em meados dos anos 1950. No livro, o autor destaca que, para os intelectuais do Colégio Invisível, as situações de interação, por menores que sejam, não podem ser reduzidas a algumas variáveis, nem serem trabalhadas de maneira linear. Seguido esse raciocínio, é preciso conceber a pesquisa em comunicação em termos de nível de complexidade, de contextos múltiplos e sistemas circulares. "O modelo orquestral, equivale, na verdade, a ver na comunicação o fenômeno social que o primeiro sentido da palavra traduzia muito bem, tanto em francês quanto em inglês: o pôr em comum, a participação, a comunhão" (WINKIN, 1998: 34).

Sob a perspectiva de Palo Alto, comunicação não é apenas objeto de estudo ou quadro analítico que organiza os dados; é ponto de vista teórico sobre o mundo social. Nesse sentido,

[46] O nome Colégio Invisível se deve ao fato que seus integrantes nunca se reuniram, a não ser esporadicamente em eventos acadêmicos. A informação entre os pesquisadores circulava por meio de cartas, telefonemas, visitas diretas e encontros intermediados por estudantes.

[47] No livro, o autor apresenta a trajetória de pesquisa da chamada Escola de Palo Alto, composta, entre outros estudiosos, pelos pesquisadores de formação antropológica Gregory Bateson, Erving Gofman, Edward T. Hall e Ray Birdwhistell e pelos psiquiatras Don D. Jackson, Paul Watzlawick e Albert E. Scheflen.

a vida em sociedade é encarada como uma estrutura em realização permanente e uma performance que não pára (WINKIN, 1998). Considerando então a comunicação como performance cultural permanente, os pesquisadores de Palo Alto entendem que, como membro de determinada cultura, o ator social faz parte de uma vasta orquestra, na qual cada um toca enquanto se adapta ao outro. Nesse contexto, só através da pesquisa em comunicação é possível reconstituir os fragmentos dessa partitura, pedaços estes que se revelarão provavelmente como altamente complexos. (WINKIN, 1998)

O modelo orquestral de comunicação, durante todo o processo de realização desta pesquisa, serviu como base teórica e inspiração para a leitura a ser feita do objeto em questão: a importância das narrativas sobre a cidade do Rio de Janeiro compartilhadas entre os migrantes cearenses e os seus conterrâneos, que entendemos como migrantes em potencial, para a manutenção do próprio processo migratório. Pelas relações que são estabelecidas entre os narradores-migrantes, em suas visitas à terra natal, e a população de determinadas cidades da região noroeste do Estado do Ceará, o modelo que abraça a comunicação como processo não-linear, mas sim, de troca constante, revelou-se como aparato fundamental para alicerçamos este trabalho.

Além da concepção de comunicação que fornece identidade ao pensamento da Escola de Palo Alto, a trajetória de pesquisa de determinados intelectuais do grupo indicou caminhos possíveis para a trilha que planejamos percorrer, ao trabalhar nesta dissertação com a questão da representação presentes nas narrativas. Um dos autores consultados, integrante da chamada segunda geração de Palo Alto, foi Edward T. Hall, que dedicou boa parte da sua vida como antropólogo a estudar a organização social do espaço entre os indivíduos, especializando-se em pesquisar o fenômeno provocado pelo contato entre representantes de culturas diferentes. Dessa forma, conforme ressalta Winkin, referindo-se à obra de Hall, a investigação dos códigos presentes na comunicação intercultural surge como um dos principais focos dos seus

estudos (WINKIN, 1998: 91). Em determinadas situações, Hall debruçou-se sobre os códigos que regem a divisão e a utilização do espaço interpessoal; em outras, investigou os códigos da gestão do tempo[48], combinando seu conhecimento íntimo sobre certas culturas com teoria e metodologia ligadas à Lingüística.

> "O que é preciso notar é que Hall, como todos os autores estudados aqui, encara a cultura como um conjunto de códigos decomponíveis e analisáveis. Toda interação obedece a regras, que o antropólogo deve expor à luz do dia. Não é de espantar, portanto, que também Hall use a analogia com a música para fazer compreender a sua visão do mundo social" (WINKIN, 1998: 93).

Mattelart (1999) escreve que Hall destacou as diversas "linguagens silenciosas" próprias de cada cultura, como as linguagens do tempo, do espaço, de posse material, dos modos de amizade, de negociações de acordos. Citando Hall, Mattelart explica que essas linguagens informais encontram-se na origem dos choques culturais, das incompreensões e mal-entendidos entre pessoas que não partilham os mesmos códigos e não atribuem às regras de organização do espaço e da administração do tempo a mesma significação simbólica (MATTELART, 1999: 69).

Em seus trabalhos, Hall busca, através da pesquisa em comunicação, capturar elementos que ligam os atores sociais presentes em um mesmo espaço cultural. A postura do teórico diante dos seus objetos de estudo, visto que conecta, em rede, pontos integrantes de uma mesma situação, também orienta o percurso proposto pelo presente trabalho para discutir a comunicação no âmbito da migração. Ao nosso ver, essa comunicação de perspectiva orquestral está presente em diversos momentos vivenciados pelo cearense no processo que tem início antes da migração, ainda na cidade de origem, e prossegue em múltiplos níveis durante o período em que permanece na cidade do Rio de Janeiro.

O ato de representar e "inventar" um Rio de Janeiro que ainda não é conhecido pode ser considerado um processo orquestral se considerarmos que na formação desse imaginário

[48] Este assunto especificamente é tema presente na sua primeira obra, intitulada The Silent Language (1959, 1973). Tradução em português: A Linguagem silenciosa. Lisboa, Relógio D´Água, 1994).

participam representações presentes em diversas fontes, como as narrativas dos conterrâneos que já migraram e os discursos veiculados através dos meios de comunicação. No caso específico das narrativas sobre a capital carioca, compartilhadas entre migrantes e conterrâneos, que nesta pesquisa chamamos de narrativas de convencimento, a articulação entre os discursos verbais e não-verbais que emergem nesses contatos, pela dinamicidade que contemplam também podem ser tratados como um processo orquestral.

Na análise que realizamos a partir do que nas entrevistas caracterizamos como narrativas compartilhadas entre migrantes e conterrâneos, e que mais adiante iremos apresentar, consideramos, além dos relatos orais, a representação de vida melhor se localiza no discurso não-verbal, como, por exemplo, o modo de vestir e de se comportar dos cearenses que já migraram. Trabalhar com essas duas formas de discursos dialoga com a reflexão teórica de Erving Goffman, também integrante da Escola de Palo Alto e inserido intimamente na tradição teórica e metodológica da Escola de Chicago, quando ele afirma que os atores sociais estão inseridos em um sistema onde todo comportamento fornece uma informação socialmente pertinente (WINKIN, 1998: 104). Em sua pesquisa de doutorado, na Universidade de Chicago (1953), o intelectual tenta chegar a uma teoria sociológica da comunicação interpessoal. O trabalho, nomeado *A Conduta da Comunicação numa Comunidade Insular*, tem como uma das proposições-chave o que Winkin descreve a seguir:

> "Quer as pessoas se entreolhem e se invejem, quer troquem cartas ou jantem juntas (...), toda a gama das relações que acontecem de uma pessoa para outra, momentâneas ou permanentes, conscientes ou inconscientes, efêmeras ou gravemente conseqüentes, (...) liga sem cessar os homens entre si. As interações são os átomos da sociedade. Elas fundam toda a dureza e toda a elasticidade, toda a cor e toda a uniformidade da vida social, que nos é tão evidente e, no entanto, tão misteriosa". (WINKIN, 1998: 97-98).

Observamos que essas interações às quais Goffman se refere existem sobremaneira no processo de migração de cearenses para o Rio de Janeiro e naturalmente em outras relações de deslocamento populacional. São através dessas interações interpessoais que a partilha das

narrativas migratórias de convencimento torna-se possível. Nesses encontros, o Rio de Janeiro, em forma de representação, é apresentado por aqueles que visitam sua cidade natal aos outros habitantes. Esse processo de troca permite que novas representações sobre a cidade sejam elaboradas.

Envolvido com o desafio de descobrir as normas sociais que regem a vida cotidiana, Goffman trabalha com um conceito de representação que nos interessa no presente estudo, por levantar questões possíveis de serem articuladas às narrativas de convencimento. Os migrantes-visitantes, portadores de representações sobre a cidade do Rio de Janeiro, ao entrarem em contato com seus conterrâneos, estariam vivenciando um momento de representação, visto que o autor define esta como "toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença continua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência" (GOFFMAN, 2002: 29).

Através do resgate das proposições da Escola de Palo Alto e das reflexões de Jesus Martín-Barbero, nossa intenção foi percorrer um trajeto que nos levasse da migração à comunicação. De agora em diante, a nossa atenção se volta para o que consideramos o coração desta pesquisa: a análise das entrevistas realizadas com cearenses que trabalham como garçons no Rio de Janeiro. A cidade passa a ser relatada a partir das representações presentes na fala dos entrevistados. Para essas pessoas, mais do que uma cidade, o Rio de Janeiro é eldorado, lugar de possibilidades, local onde o trabalho tem fama de ser mais fácil e é associado à realização de desejos.

No conteúdo dessas pequenas histórias, é possível localizarmos diversas formas de representação sobre o Rio de Janeiro. Pedir que os entrevistados relatem o que eles sabiam sobre a cidade antes de migrarem resulta em um conteúdo que precisa ser buscado na memória, visto que remonta à época da migração. A questão do tempo passado também está presente quando pedimos que os garçons relatem o que esperavam encontrar na cidade, antes

da mudança ocorrer. Entretanto, aparentam serem mais atuais, as representações que os garçons fazem sobre a cidade quando o tema da entrevista passa a ser a definição que eles fazem sobre o Rio de Janeiro, de uma forma geral. Diante dessas possibilidades de diferenças existentes nos relatos sobre um mesmo lugar, a depender da situação colocada, estamos certos, porém, que entre si, essas representações se associam, respigando uma nas outras, visto que é em um mesmo episódio que essas representações, localizadas em tempos diferentes, são chamadas a vir à tona.

4.2 - Narrativas de convencimento: diga-me como é o Rio que eu vou

A narrativa oral, dentro do processo migratório, é tratada nesta pesquisa como elemento de grande relevância para a manutenção do fluxo de pessoas entre cidades localizadas na região noroeste do Estado do Ceará e o Rio de Janeiro. Por essas narrativas, circulam símbolos, imagens, desejos, discursos, formando um conteúdo que consideramos elemento condicionante para a tomada da decisão por migrar. "Formas de representação coletiva, elementos criadores de sociabilidades, práticas comunicativas sociais que contribuem para o alargamento dos horizontes de experiência, nas quais são tecidos os saberes do mundo", conforme sugere Resende (2005), as narrativas, no nosso entendimento, ao serem compartilhadas pelos migrantes, contribuiriam para a manutenção de certos processos sociais, entre os quais, a migração.

Ao lado das narrativas sobre migração nordestina para o sudeste, veiculadas exaustivamente pelos meios de comunicação, as histórias narradas pelos migrantes nos estimulam a tratá-las como uma forma de atuação no espaço público contemporâneo. Considerar o modo como se narra e querer saber quem são os seus narradores surge como um caminho pertinente para aproximar comunicação e migração, através dos relatos dos próprios migrantes, uma vez que "na modernidade tardia, além de ser fundamental saber contar as

histórias do mundo, é crucial reconhecer este ato como o que emerge de uma necessidade de compreensão do próprio mundo em que se vive" (RESENDE, 2005: 130)

Chamar o migrante para atuar como sujeito na construção de sentidos, ator que representa, e dar visibilidade a esse posicionamento, não significa dizer que esse migrante deixou de ser objeto de representações nem tampouco negar as narrativas em que esse migrante já foi representado. O desejo aqui é quebrar com essa dicotomia sujeito-objeto de representação e assumir essas múltiplas formas de representar como camadas que compõem o imaginário simbólico. Entendemos que as narrativas dos migrantes não existem isoladamente dentro do processo de migração e nem são produzidas individualmente. Sempre que oportuno iremos ressaltar esse caráter versátil das narrativas, evidenciando os caminhos possíveis para a sua produção e partilha.

Especificamente, nosso interesse de análise são as narrativas pessoais que circulam entre migrantes e migrantes "em potencial", no que elas contêm de representações sobre o Rio de Janeiro. Conforme já sugerimos ao longo deste texto, compreendemos que esses pequenos relatos estão inseridos em um contexto mais amplo, no qual estão contidas outras narrativas, como as veiculadas pelos meios de comunicação. Nesse sentido, o narrador, migrante, pode ser considerado um consumidor de representações presentes nas narrativas dos meios de comunicação que se apropria deste conteúdo e o transforma, acrescentando a esse corpo de sentidos um olhar particular, ligado à sua experiência pessoal.

Assim, o repertório de significações do narrador, migrante, passa a ser constituído por diversos elementos, como as representações originadas a partir das suas vivências e as representações veiculadas através dos meios de comunicação. Entendemos, também, que essas representações contemplam em sua definição uma relação ambígua entre ausência e presença, sendo a presentificação de um ausente, dado a ver segundo uma imagem, mental ou

material. Nessa dinâmica, a representação ocorre por meio de atribuições de sentido, distanciando-se do mimetismo puro e simples (PESAVENTO, 1995).

Na versátil manufatura de sentidos, sobre a qual nos referimos anteriormente, saberes e poderes são negociados ao passo que interesses e forças são articulados, configurando o que Resende chama de espaço público contemporâneo (RESENDE, 2005: 129). Nesse espaço público, emergem os pequenos relatos, marcados pela pessoalidade do cotidiano.

> "As relações, que de diretas passam a ser sobrepostas, e nunca substituídas, pelas de circulação mediática, se conformam em um espaço cuja ordem se estabelece a partir de uma correlação de forças. (...) Em outras palavras, ele[49] instaura, ao mesmo tempo em que conforma e redefine, discursos sobre e para a sociedade; ou seja, ele cria e recria prática sociais discursivas que tanto desejam falar da sociedade como constituir-se enquanto saber acerca desta mesma sociedade. O paradoxo se estabelece quando percebemos que, paralelamente a este processo, ressalta-se sua relativa dependência de outros campos, já que o discurso que ele cria sobrevive, também e fundamentalmente, da existência de outras instituições sociais de caráter estritamente político, econômico, cultural e/ou de qualquer outra ordem". (RESENDE, 2003:)

Conforme sugere Resende, as narrativas dos *media* também estariam em constante negociação com outros tipos de narrativas circulantes no espaço público, integrando um sistema no qual fica difícil determinar o lugar de origem de certos discursos e apontar os legítimos autores das representações em circulação. Nesse contexto, a observação de Roland Barthes (1971), destacada por Resende, é mais do que oportuna:

> "As pequenas narrativas - diversas, plurais e inumeráveis - tornam-se importantes elementos a serem investigados do ponto de vista sociológico, porque conferem legitimidade e redividem, socialmente, o espaço ao qual elas pertencem" (RESENDE, 2003)

.

No caso da migração, esses relatos miúdos, compartilhados interpessoalmente, revelam-se importantes para que possamos compreender alguns elementos que compõem o conjunto de sentidos múltiplos presentes no âmbito do deslocamento populacional. Durham, por exemplo, refere-se a esses discursos como responsáveis pela tomada de consciência sobre oportunidades diferenciadas no sistema econômico do país, visto que por meio desses relatos

[49] O campo dos media, conforme se refere o autor, em trecho anterior do artigo.

são compartilhadas as expectativas positivas de possibilidades que a vida urbana poderá proporcionar. “Essa consciência é adquirida na própria experiência migratória, que é transmitida oralmente e se sedimenta como parte do acervo de conhecimentos de uma comunidade” (DURHAM, 1973: 188).

Conforme já mencionamos, essas histórias pessoais e coletivas, diante das conseqüências que podem desencadear, são neste trabalho chamadas de “narrativas de convencimento”. Essas narrativas, pelos significados que carregam, nos instigam concebê-las também como meios de comunicação através dos quais circulam conteúdos migratórios e não somente formas de se contar uma experiência vivida. Ao lado dos discursos veiculados via meios massivos de comunicação, a narrativa pessoal tem impacto próprio. Poderá ser disseminada pelo ator que vivenciou a história narrada, mas não se refrata a esse tipo de propagação. Outros atores podem narrar histórias não vividas, mas ouvidas. O migrante que volta à sua terra natal, de forma provisória ou permanente, e compartilha histórias, apresenta traços do narrador arcaico de Walter Benjamim, citado por Canevacci, que seria aquele que transforma a sua experiência na narrativa que passará a ser a experiência daqueles que ouvem a sua história (CANEVACCI, 1997: 103).

Nesse sentido, considerando o que pode ser comunicado através desses relatos, compreendemos as narrativas de convencimento como “containeres” que transportam a cidade do Rio de Janeiro para os municípios localizados na região noroeste do estado do Ceará. Da mesma forma, se tomarmos o sentido oposto, as cidades cearenses também podem ser levadas para o Rio de Janeiro por meio de narrativas, assim como outros lugares interligados pelo fluxo migratório.

Nesta pesquisa, através do que nos foi narrado pelos entrevistados, tivemos acesso a versões de histórias que pertencem ao universo da migração de cearenses para a cidade do Rio de Janeiro. Nas entrevistas, podemos descobrir mais sobre o papel que o ato de narrar as

experiências representa para a continuidade da migração como fenômeno. Nesse sentido, veremos em detalhes adiante que decidir pela migração contou, em algum momento do processo, com a influência do que outros migrantes, em visita à terra natal, relataram sobre a cidade do Rio de Janeiro.

4.2.1 – Os pequenos relatos e o imaginário migrante sobre o Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro, para os habitantes das cidades localizadas na região noroeste do Estado do Ceará, já é tema presente no cotidiano. Em janeiro de 2006, fiz uma viagem à cidade de Guaraciaba do Norte, localizada na referida região, em busca de chegar mais próximo à outra extremidade dessa linha migratória. Nesta fase inicial da pesquisa, a minha intenção era conseguir cartas trocadas entre as pessoas da cidade e os conterrâneos que estavam no Rio de Janeiro, a fim de a partir desse material realizar uma análise das representações sobre a cidade do Rio de Janeiro contidas nessas narrativas escritas. Na única agência dos correios da cidade, conversei com um senhor chamado Antônio, carteiro da cidade há 27 anos, que me indicou o nome de algumas pessoas que costumavam receber cartas de familiares que moravam no Rio de Janeiro. Entretanto, o carteiro me advertiu que eu só iria conseguir essas cartas caso as pessoas as tivessem guardado, pois hoje em dia ninguém mais se comunicava através dessas correspondências. Entrei em contato com as pessoas indicadas. Informalmente, conversei com algumas delas, ouvi relatos sobre quem já havia migrado para o Rio de Janeiro e voltado, mas nada de cartas. O que pude perceber é que boa parte da população da cidade possuía algum tipo de vínculo com o Rio de Janeiro, seja por ter migrado e retornado, seja por ter parentes e amigos residindo na capital carioca.

A relação entre Guaraciaba do Norte e o Rio de Janeiro pode ser observada nas andanças pela cidade. Na pequena rodoviária, os letreiros dos guichês das empresas de ônibus interestaduais revelam o destino mais procurado pelos moradores do município: Rio de

Janeiro. Na rodoviária, encontrei Márcia, que estava embarcando para a capital carioca, onde mora há três anos. Funcionária de uma empresa de cartões de crédito, sediada na Praça Saens Pena, bairro da Tijuca, a moça é casada com um cozinheiro, cearense, do Bar Picote, no Flamengo.

Na cidade de Guaraciaba do Norte, com a ajuda do radialista Diassis[50], localizei outras pessoas que já tinham morado no Rio de Janeiro. Maria Margarida Araújo residiu durante dois anos no Rio, trabalhou como babá. Tinha medo de morrer de bala perdida. Voltou sem visitar o Pão-de-Açúcar. A professora Cleonice, que morou na capital carioca entre 1976 e 1979, afirmou "O que a gente sabia sobre a cidade era uma história ou outra que as pessoas contavam. Mas lá (no Rio) descobri que as pessoas escondiam a verdade para se esquivar das frustrações".

Mesmo depois de três dias de "buscas" na cidade de Guaraciaba do Norte, não consegui as cartas. A solução foi continuar a trabalhar com o mesmo tema, pesquisando as representações sobre a cidade do Rio de Janeiro não mais nas correspondências e sim a partir de entrevistas. Porém, mesmo sem as cartas, a viagem à Guaraciaba do Norte foi um momento importante da pesquisa, considerando que com as informações obtidas nas conversas com as pessoas da cidade pude confirmar que o processo de criação de imagens e expectativas sobre a cidade-destino tem origem antes mesmo da decisão por migrar. Ainda que a pesquisa de campo inicial tenha sido realizada somente em uma cidade, a importância desse contato não pode ser desconsiderada, visto que as práticas cotidianas relacionadas à migração, nas cidades vizinhas, possuem pontos em comum ao que é vivenciado em Guaraciaba do Norte.

De início, antes da realização das entrevistas, tínhamos uma suposição: tendo em vista a força dos meios de comunicação na dinâmica da construção, desconstrução e reconstrução

[50] Diassis é o único entrevistado desta fase da pesquisa cujos depoimentos são utilizados ao longo do trabalho ao lado dos relatos dos garçons entrevistados no Rio de Janeiro. Ele morou na capital carioca entre 1990 e 1997, trabalhando no ramo de restaurantes. Atualmente, reside em Guaraciaba do Norte, onde trabalha como radialista.

de imaginários, achávamos que o principal elemento formador do imaginário sobre o Rio de Janeiro, para as pessoas que jamais tinham visitado a cidade, seriam as representações difundidas pelos meios massivos, principalmente a televisão.

Na primeira entrevista da pesquisa propriamente dita, realizada já no Rio de Janeiro, uma declaração do garçom José Ribamar nos levou a questionar esse pressuposto e a analisar a formação desse imaginário de maneiras diferentes, a depender da época da migração. Ribamar, que migrou de Reriutaba para o Rio de Janeiro aos 18 anos de idade, em 1981, afirma:

> "Televisão naquele tempo era difícil, tinha não, via só Os Trapalhões. O que eu sabia sobre a cidade era o que o povo que já morava aqui e ia de férias para lá ou para uma temporada mais longa, contava". [51]

As palavras de Ribamar indicam que na cidade de Reriutaba, no começo da década de 1980, a televisão ainda não era um meio de comunicação popular entre os moradores do município e por conseqüência o consumo das representações veiculadas pela televisão sobre a cidade do Rio de Janeiro acabava por não ter ainda a predominância que de início supomos existir. Assim como Reriutaba, a televisão, nos anos 1980, também não havia se popularizado em outras cidades do noroeste do Ceará. A declaração de Batista, natural da cidade de Guaraciaba do Norte, que migrou para o Rio de Janeiro em 1980, reforça o que comentamos a respeito do depoimento de Ribamar:

> "O que chegava até lá que aqui era uma cidade maravilhosa, que todo mundo sonhava em vir, conhecer e eu vim exatamente pra isso, conhecer. Naquele tempo até que não tinha muito esse negócio de televisão, a televisão ainda não tava muito assim mostrando, você sabia mais por notícias, pelas pessoas que vinham daqui para lá, iam de férias, passavam um tempo, voltavam, aquele pessoal que vai e volta. Só falavam coisas boas, só traziam coisas boas, fotos maravilhosas, tudo de bom". [52]

Na pesquisa aqui realizada, não mergulhamos para descobrir de que forma ao longo dos tempos essas imagens sobre o Rio de Janeiro, para quem não estava na cidade, tiveram

[51] José Ribamar, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.
[52] Batista, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 2006.

como relevantes elementos formadores as mensagens difundidas pela televisão. O que nos interessa de fato é que, mesmo com a natural popularização da televisão nas cidades da região noroeste do Ceará no decorrer das décadas de 1990 até os dias atuais, os pequenos relatos dos migrantes sobre a cidade do Rio de Janeiro, narrados aos conterrâneos, durantes as visitas à terra natal, mantiveram-se como fortes elementos formadores do imaginário sobre o Rio de Janeiro para os migrantes em potencial.

O depoimento de Mário, que migrou da cidade de Hidrolândia para o Rio de Janeiro em 1999, indica que no final da década de 90 os relatos pessoais sobre a cidade do Rio de Janeiro permanecem como prática presente nas partilhas cotidianas, integrando a formação do imaginário sobre a capital carioca. "Antes de eu vir, eu ouvia muito comentário, das pessoas quando chegavam na minha cidade, que aqui era bom, era legal de ganhar dinheiro", afirma Mário. Dessa forma, mesmo diante do processo de popularização da televisão que se deu nas pequenas cidades do interior do Ceará ao longo dos tempos, nas declarações dos cearenses que migraram nos anos 1990, ainda verifica-se forte referência aos relatos pessoais sobre a cidade do Rio de Janeiro, compartilhados entre conterrâneos.

Consideramos que, a partir das histórias sobre a cidade, narradas pelos cearenses que já tenham se mudado para a capital carioca, a decisão por migrar pode ser antecipada. O que se conta sobre a cidade do Rio de Janeiro, através dos relatos, revela-se como conteúdo a ser elaborado na constituição das representações pessoais sobre esse eldorado a ser conquistado. Vejamos o que nos diz Ribamar:

> "O pessoal dizia que aqui era bom, que tinha emprego, e a gente acreditava. Pra mim, o Rio de Janeiro era o Papai Noel, só festa, diversão, dinheiro, tudo muito simples, emprego muito simples. Esse fluxo entre o vai o vem, vai gerando todo um movimento de pessoas".[53]

Na declaração do cearense, ao dizer que o fluxo entre o vai e vem gera um movimento de pessoas, entende-se que essas idas e vindas acabam por promover um contato maior entre

[53] José Ribamar, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.

os que já migraram e os que ainda estão na cidade natal. Sugerimos, nesse sentido, que os encontros permitiriam a existência de um intercâmbio simbólico que em determinados casos poderia ajudar a promover o deslocamento dos cearenses em direção ao Rio de Janeiro. Que fique claro, entretanto: estamos cientes de que essas narrativas sobre o Rio de Janeiro, compartilhadas entre os conterrâneos, não são as únicas responsáveis pela tomada de decisão por migrar. Apesar da ênfase dada a esses relatos na presente pesquisa, estamos certos de que esses discursos em circulação fazem parte de um contexto processual, no qual estão presentes outras variáveis.

Compreendemos também que nesses relatos orais, por exemplo, há a presença de elementos de confiança e identificação entre os interlocutores. Portanto, essa relação que está para além do conteúdo narrado contribui para que essas representações constituam-se no que chamamos de narrativas de convencimento. Na atenção dos que ainda não migraram dão às narrativas dos migrantes-visitantes estão envolvidos sentimentos de pertencimento, uma vez que quem já migrou possui uma história de vida semelhante a quem ainda não migrou. Na relação entre migrantes e migrantes em potencial há ainda um jogo de significados e representações: migrantes valorizando as pessoas que se mudam e, portanto, a própria atitude, definindo-as como "pessoas de coragem", e criticando quem adota atitude inversa e prefere submeter-se a condições precárias de vida, qualificando-as como reacionários e acomodadas. (MENEZES, 1976, p.18).

No contato entre migrantes e conterrâneos, os relatos orais sobre a cidade do Rio de Janeiro e sobre a experiência da migração são veiculados juntamente com discursos que ecoam por outras vias. As mudanças na imagem dos visitantes, além das histórias narradas verbalmente por eles, também carregam significados: essas transformações no modo de vestir, na cor da pele, entre outros aspectos, foram mencionadas pelos entrevistados como elementos que se sobressaiam no contato com os visitantes. Pela impossibilidade de separar, nesses

relatos, o conteúdo das histórias do contador das histórias, é que consideramos as narrativas de convencimento como "objetos" formados por duas instâncias: o relato verbal e o discurso presente no corpo do narrador. Desse modo, o corpo do narrador seria, por vezes, além de meio a própria mensagem.

Desejo presente quando se analisa a migração como processo social, a possibilidade de ser outro, de ter uma vida nova, ganha força a partir das narrativas de convencimento, que podemos considerar como uma espécie de "materialização" do que um dia só existiu na imaginação. Conforme poderemos observar, as mudanças na aparência dos migrantes que visitam a terra natal revelam-se como elementos fundamentais para que as representações sobre o lugar imaginado, no caso o Rio de Janeiro, transformem-se, de certa forma, em constatações. Assim, essas narrativas, ao serem compartilhadas, funcionam como ativadoras do contínuo processo de construção do imaginário sobre a cidade-destino. Nesse sentido, é pertinente observamos a declaração de Ribamar:

> "O que eu sabia, era o que eu via. Eles chegavam melhor do que a gente tava lá. Aquilo tudo era um grande convencimento, se eles estão muito melhor do que nós, esse lugar é próspero. O cara bem vestido, uma pele melhor sem aquele queimado do sol, mais nutrido, o jeito de falar mudava, aparelhado com algumas coisas, se transportavam melhor, com carro. Tudo aquilo era um grande convencimento, entrava na cabeça da população e foi criando um grande mito".[54]

O discurso de Ribamar permite tecermos considerações sobre a força do que se vê e a continuidade do processo de representação da cidade do Rio de Janeiro. Os elementos que representavam o que seria uma vida melhor eram passíveis de serem conferidos por Ribamar e outros conterrâneos, e se transformavam, conforme o entrevistado destaca, em um grande convencimento. A relação desses encontros com o imaginário pode ser observada quando Ribamar relata que o convencimento "entrava na cabeça da população e foi criando um grande mito".

[54] José Ribamar, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.

O relato de Ribamar nos permite abordar a questão do desejo dentro do processo migratório. A sedução desencadeada pelas novidades que os migrantes portavam, como roupas diferentes e equipamentos eletrônicos, fica evidente nos detalhes narrados pelo entrevistado. Esses elementos podem ser relacionados com o que abordamos anteriormente, a partir do diálogo com Castro-Gomez, sobre a tendência social da invenção do outro. Arriscamos inclusive a dizer que, no caso dos habitantes de uma pequena cidade, o conterrâneo que migra e volta apresentando melhores condições de vida desempenha o papel de representante desse outro que invento e desejo para mim, numa espécie de "se ele conseguiu, eu também conseguirei".

Há ainda uma questão interessante nesse processo de partilha das narrativas de convencimento no que se refere ao impacto que é capaz de gerar. A força desse relato, ao nosso ver, se configura devido exatamente ao encontro, à presença, à possibilidade de ver para crer. Imaginemos, por exemplo, um migrante que escreve uma carta para algum conhecido que mora na sua cidade natal, contando todas as mudanças. É de se esperar que, por mais detalhes que esse relato contenha, será difícil gerar o mesmo impacto de um encontro presencial. Essa discussão se aproxima do que Duhram defende ao afirmar que exibir as novidades conquistadas no local de destino é prática que faz parte da migração como processo social. Os mais jovens freqüentemente voltam para visitar a família, exibir novas experiências e novas posses. Esses recursos representam o sucesso na migração, criando atrativos para os parentes que ficaram. Outros irmãos, solteiros ou casados, repetem a mesma trajetória, com a ajuda uns dos outros, e o processo, em certos casos, termina quando os filhos, já estabelecidos, mandam buscar os pais (DURHAM, 1973: 190).

A reflexão de Durham contempla o comentário feito anteriormente por Ribamar e está relacionado também com um dado fornecido por outro entrevistado, o garçom Raimundo, natural da cidade de São Benedito, que mora no Rio desde 1958. Durante a entrevista, o

cearense relembra um episódio no qual a circulação dos bens de consumo assume caráter simbólico, quando os objetos adquiridos na nova cidade ganham significados que estão para além dos seus usos convencionais:

> "Meu pai quando mandou o primeiro dinheiro para nós, antes da minha família se mudar para o Rio de janeiro, mandou também sandálias havaianas. Na época a gente usava alpercatas que meu avô fazia e quando o padre na igreja viu a gente com as havaianas disse: 'Vixe, os filhos do expedito enricaram, o homem tá rico lá no Rio de Janeiro'. (...) Quando aqui já tava terminando a moda, levava pra lá, virava novidade".[55]

A reação do pároco da igreja da cidade de São Benedito ilustra a produção de sentido possível através da circulação de símbolos ocasionada pela migração. Desse modo, mais do que deslocamento de pessoas, a migração contemplaria também um intercâmbio de significados, que acabam por aproximar o fenômeno migratório de questões relacionadas ao desejo, indicando caminhos diversos para interpretarmos o que em poucas palavras é definido como "busca por uma vida melhor". Diante dessas considerações apresentadas, compreendemos que relatos como os dos garçons Ribamar e Raimundo nos permitem chegar mais perto do universo particular dos migrantes, revelando formas possíveis de significação da realidade e de construção do imaginário migrante.

Gostaríamos de destacar nesse sentido um comentário presente na fala de Ribamar, primeiro entrevistado, que apareceu em relatos de outros participantes da pesquisa: o fato de a vida no Rio de Janeiro ser associada à mudança na cor da pele, que deixava de ser queimada pelo sol, tornando-se mais clara.

> "O pessoal que chegava lá chegava diferente, corzinha branquinha, perfume diferente, chiando que nem cobra de veado".[56]

> "As pessoas chegavam diferentes, até pela cor era diferente. Não pegava mais aquele sol da roça, tinha diferença".[57]

[55] José Raimundo, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.
[56] Mário Jorge Alves, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 2006.
[57] Patriolino, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 2007.

> "Quando alguém chegava, a diferença tava na cara. A pele de quem ia morar no Rio de Janeiro ficava clarinha, sem aquele queimado todo".[58]

A observação recorrente nos discursos dos entrevistados pode ser analisada a partir de pontos diversos. Uma das possíveis explicações para a freqüência com que surge nos depoimentos é por se relacionar a uma situação comum na vida dos habitantes de cidades localizadas no interior do Ceará. Nas cidades natais dos garçons consultados, a grande maioria das pessoas trabalha na roça e passa boa parte do dia em serviço no campo, exposto ao sol. Para muitos o serviço é sinônimo de sofrimento e de atraso, e a vida na cidade surge como uma oportunidade de largar a enxada. A pele mais clara simbolizaria a confirmação de que na cidade a sobrevivência poderia ser garantida através de outros meios.

Nos comentários sobre a aparência, além das mudanças na cor da pele, novos hábitos no vestir e no falar também foram mencionados pelos entrevistados, conforme pode ser verificado em alguns trechos:

> "Quando eu fui visitar a minha cidade, o pessoal me achou diferente, mais educado. Como eu tava usando roupas melhores, o pessoal pensou que eu tava com muito dinheiro. Mas nem era verdade, eu tava simplesmente melhor de vida".[59]

> "Aqui no Rio de Janeiro, a gente acaba tendo que se vestir melhor, e quando se vê já estamos bem diferentes. Eu nunca tinha reparado direito nisso, só me dei conta, quando cheguei na minha cidade, e todo mundo ficou comentando, dizendo que eu tava com uma aparência boa, que a vida no Rio deveria ser boa, por conta dessas mudanças". [60]

Os comentários feitos por Francisco e Pedro nos aproximam do que foi dito anteriormente sobre as mensagens transmitidas aos conterrâneos através das mudanças verificadas na aparência do migrante. A cidade é representada como esse lugar no qual o acesso às novidades é possível, bem como é qualificada como local capaz de suscitar transformações nas pessoas. No relato dos entrevistados, podemos observar que essas

[58] Batista, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 2007.
[59] Francisco Matos, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, em 5 de dezembro de 2006.
[60] Pedro Barros Pereira, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 28 de novembro de 2006.

representações são elaboradas pelos conterrâneos que ainda não conhecem a cidade. “O pessoal me achou diferente” e “todo mundo ficou comentando” indicam a participação dos não-migrantes nesse processo, que ao produzir discurso atuam na construção de um imaginário sobre a cidade.

A força dessas representações sobre a vida nova no Rio de Janeiro, que estão contidas nas transformações percebidas na aparência do migrante, pode se dar também pelo fato de que, depois de uma temporada longa na cidade do Rio de Janeiro, na ocasião de um retorno temporário ou permanente à cidade, os que ficaram vivenciam em um curto espaço de tempo as mudanças possíveis de terem acontecido no modo de falar, de vestir e de perceber o mundo do migrante. No primeiro contato, é como se a última imagem do conterrâneo antes da viagem fosse acessada exatamente no momento em que ele é visto novamente. Mudanças visíveis acabam se revelando e torna-se praticamente impossível não associar essa transformação à vida nova levada na cidade.

Acreditamos que as narrativas de convencimento têm a sua força condicionada pelo ambiente na qual estão inseridas. Nas cidades de nascimento dos entrevistados, conforme ressaltamos, a migração para o Rio de Janeiro é tema com o qual a população já convive e esse fato, ao nosso ver, revela-se favorável para que as narrativas de convencimento ocorram de forma próxima ao que relatamos. Isso pode ser verificado ao observarmos que nas declarações transcritas a seguir alguns motivos citados para justificar a migração têm relação com as representações sobre o Rio de Janeiro que já circulavam na cidade. Desse modo, a curiosidade pelo novo lugar parece só existir quando sobre esse lugar já se ouviu pelo menos alguns relatos; no presente caso, sugerimos que a sensibilização sobre a cidade do Rio de Janeiro de alguma forma já deveria ter ocorrido para que os conterrâneos desejassem saber mais. De uma certa forma, é como se a invenção da cidade do Rio de Janeiro fosse um processo constante e dinâmico, desencadeado por alguma “invenção” inicial.

4.2.2 - Rio de Janeiro: a imagem da cidade quando se chega

Convencidos pelas narrativas dos outros, pelos desejos próprios, pela sina da migração, separadamente, ou por todos esses motivos juntos, alguns cearenses decidem tentar a vida no Rio de Janeiro. Nos primeiros dias, a cidade, antes imaginada, vira o solo onde se pisa, espaço no qual circula-se. Os relatos dos entrevistados sobre a experiência nos fazem lembrar das reflexões feitas pelos teóricos da Escola de Chicago, ao tratarem sobre as diferenças existentes entre meio urbano e rural, mencionadas no capítulo 2.

No depoimento de Raimundo novamente a necessidade de tratarmos as experiências na cidade a depender da época da migração surge como uma questão. Ao ser indagado sobre as diferenças existentes entre a vida no Ceará e a no Rio de Janeiro, o entrevistado afirma:

> "Olhe, antigamente existia diferença, você morar numa cidade pequena e numa cidade grande. Hoje não tem mais não. Hoje, com a Internet, com a globalização, não existe mais isso você mora num lugar rural mais distante. Não tem mais diferença, sabe porque? Por que a televisão, a Internet, terminou com essa distância. O que acontecia no Rio de Janeiro naquela época lá eles não sabiam de nada, o que acontece no Rio de Janeiro hoje daqui a meia hora eles estão sabendo lá".[61]

O que Raimundo declara nos permite perceber como ele significa a força que a comunicação através dos meios massivos possui de possibilitar uma diminuição do tempo de circulação das informações locais. Diante desse fato, é possível que para Raimundo quem migra na atualidade vivencia sensações diferentes ao chegar à cidade grande, quando comparado à experiência de cearenses naturais dos mesmos municípios que migraram durante as décadas de 1950 a 1990. Raimundo observa que a transformação de alguns aspectos do fenômeno da migração ao longo do tempo se deu por conta da presença de representações presentes nas narrativas pelos meios massivos.

De toda forma, mesmo com possibilidades de ter tido mais contato com representações do Rio de Janeiro presentes nas narrativas dos meios de comunicação na época em que migrou, Mário, que chegou à cidade em 1999, relata:

[61] José Raimundo, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.

> "Claro tem uma diferença grande. A movimentação é grande. Lá onde eu nasci, às dez horas da noite é tudo apagado. Aqui parece que sempre vai ter alguma coisa para fazer. Gosto de me divertir na noite, e lá eu não tinha opção. Na noite, gosto de fazer várias coisas boas, jogar bola no Aterro, ir no Asa Branca[62]. Pros outros que ficaram, a gente diz o que a gente aprende e a gente diz inclusive que aqui é mais violento do que lá. E também aqui tem o preconceito, os caras de chamam de Paraíba".[63]

A relação de diferença que o migrante estabelece entre a sua cidade natal e o Rio de Janeiro se localiza a partir das formas como esse novo lugar é experimentado. No caso de Mário, é o movimento existente na grande cidade que a diversifica da cidade de Hidrolândia, onde nasceu. Mário, por exemplo, relatou na entrevista a sua definição para o Rio de Janeiro, a partir do que a cidade oferece em termos de diversão noturna.

Ribamar, que deixou a cidade de Reriutaba rumo ao Rio de Janeiro em 1980, descreve as imagens e sensações que guarda do seu primeiro dia vivido na cidade grande:

> "Lembro bem da sensação. Fui morar no centro com um tio e meu pai. No outro dia, fui na Glória, quando chegava a noite era mais difícil, você não sabia entender nada, pra onde vai tanto carro, tanta luz, parecia um grande céu estrelado, um grande universo sem fim, conhecer tudo aquilo parecia impossível. Conhecer o Rio de Janeiro é difícil, e olha que eu conheço muita coisa, mas não conheço tudo".[64]

A declaração de Ribamar ressalta a profusão de significados que emergem na cidade grande. É interessante notar que o entrevistado faz referência à iluminação pública com certa perplexidade e seu relato certamente poderia ter semelhanças com o que algum espectador surpreso com a chegada da luz elétrica nas cidades no início do século XX. O relato de Ribamar nos permite dizer que na metrópole, por conta do fluxo de pessoas de diversos lugares diferentes, diversas são as relações estabelecidas entre quem circula e os signos da cidade.

O relato do garçom Batista sobre os seus primeiros dias na cidade fornece uma possibilidade de leitura para a metrópole que em alguns pontos se assemelha à relação estabelecida por Ribamar com o Rio de Janeiro, conforme podemos observar na declaração:

---

[62] Casa noturna que funciona no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro.
[63] Mário Jorge Alves, em entrevista realizada no dia 19 de dezembro de 2006.
[64] José Ribamar, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.

> "Tudo é diferente. Apesar de eu ser acostumado a ir a Fortaleza, quando você chega aqui, você vê tudo mais diferente, uma imensidão de prédios, de conduções, a correria do dia-a-dia. Então você estranha nos primeiros dias, você estranha. Ai eu fui começando a andar, eu andava muito, eu pegava o ônibus de uma linha, ia até o final dele, pra conhecer o caminho, pra conhecer os lugares, eu fazia isso, entendeu? Pra conhecer a cidade, eu fazia isso, se esse ônibus passa aqui, pra ir eu vou pegar ele".[65]

A representação que a cidade tem para alguns entrevistados se forma a partir de uma síntese do que foi vivenciado no local. Batista por exemplo aponta que a sua relação com a cidade foi se transformando a partir do contato maior que manteve com o lugar, na tentativa de compreender esse novo espaço. A declaração de Batista nos faz lembrar da reflexão de Massimo Cannevacci sobre o "perder-se urbano" (CANEVACCI, 1997: 13). O autor refere-se à cidade de São Paulo, mas a narrativa da sua experiência permite analogias ao vivido por estrangeiros em qualquer grande cidade.

> "Habituado à minha cidade – Roma – que só pode ser conhecida quando a percorremos a pé, decidi usar a mesma 'linguagem' e comecei a caminhar; foi assim que, errando, tentei dominar o território paulistano. Errando, porque São Paulo – como compreendi mais tarde – pode ser compreendida tanto percorrendo-se o seu território público quanto suas interioridades privadas; e porque são outras fontes de percepção cognitiva. Aprendi rapidamente que esta 'Grande Cidade' pode ser conhecida pela alternância de três rimos de comportamento e de controle espaço-temporal: a imobilidade doméstica, a hipervelocidade noturna, a lentidão do passeio solitário. Todas essas dimensões desenvolvem equivalentes modalidades de observação, cuja configuração final constitui a rede através da qual se pode apresentar o tecido metropolitano (CANEVACCI, 1997: 14).

Circular pela cidade para descobrir seus códigos surge como uma opção para criar uma relação mais íntima com o local e na medida do possível deixar aos poucos de ser estrangeiro. Nesse processo, o repertório de representação sobre a cidade vai sendo construído para, quem sabe, no caso dos migrantes, ser narrado a algum conterrâneo certo dia.

Há quem defina o Rio de Janeiro por meio de outros aspectos, ressaltando na elaboração dessa síntese da cidade questões referentes às oportunidades proporcionadas pela cidade a partir de um posicionamento individual que se tem diante dela:

[65] Batista, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 2007.

> "Não gosto do Rio pela boniteza, mas por ser uma cidade que me acolheu e uma cidade onde se você tem coragem não passa fome, você ganha dinheiro em qualquer época do ano. Se você tiver coragem, você compra cinco caixas de *Coca-Cola* e no final do dia tá com 200 reais no bolso. Mas tem que ter disposição, tem que ter coragem, como em qualquer outro lugar, as pessoas acham que você chega num hotel, num restaurante e já chega ganhando dinheiro e não é por ai, a dificuldade é muita, o comércio não anda dos melhores".[66]

O Rio de Janeiro como lugar de oportunidades é uma definição recorrente para a cidade. Assim como Antônio Rodrigues disse na declaração acima, outros garçons cearenses entrevistados destacaram a capital carioca como local que abriga opções para se viver dias melhores.

> "Quando eu cheguei no Rio eu vi que o negócio era o Rio de Janeiro mesmo. Apesar de ser muito pacato naquela época, ainda hoje eu acho que continua sendo o melhor estado do Brasil. Aqui você consegue, é só você querer que você consegue tudo. Emprego não, mas trabalho você consegue fácil".[67]

Outra leitura possível sobre a cidade que apareceu entre os entrevistados tem uma conotação de decepção com a realidade ao mesmo tempo em que estar no Rio de Janeiro é um desafio necessário:

> "Quando eu vim achava que tudo aqui era um mar de rosas. Mas na verdade é uma ralação muito grande, muito grande mesmo, ainda mais quando você vê as condições de moradia. Mas eu acho uma coisa, tem que vir pra aprender, tem que vir pra crer".[68]

Declarações que definem a cidade como um lugar de múltiplas facetas também surgiram durantes as entrevistas. O garçom Raimundo expõe as imagens que sintetizam o que ele concebe por Rio de Janeiro:

> "O Rio de Janeiro é para mim um lugar de coisas muito bonitas, como o Pão de Açúcar e o Cristo. Gosto também de andar de barco, saindo da Praça XV, contornando a orla. Fora isso, só o Maracanã, quando tá lotado. Na Baixada[69], é quase a mesma coisa que lá na cidade onde eu nasci, é muita miséria. O casal se junta e com cinco anos já são cinco filhos". [70]

---

[66] Antônio Rodrigues, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 15 de dezembro de 2006.
[67] Raimundo, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 3 de janeiro de 2007.
[68] Pedro Barros Pereira, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 28 de novembro de 2006.
[69] Baixada Fluminense. Região do Estado do Rio de Janeiro, formada pelos municípios Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Queimados e Mesquita.
[70] Raimundo, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 3 de janeiro de 2007.

Os elementos que Raimundo reúne para definir a cidade contemplam representantes da simbologia máxima do Rio de Janeiro, como o Pão-de-Açúcar e o Cristo Redentor, afetos pessoais, como o Maracanã lotado e o passeio de barco, e imagens da cidade que por um lado são contraditórias às primeiras representações citadas mas por outro possuem semelhanças com o seu lugar de origem, a cidade de Cariré. Essa área do Rio de Janeiro, a partir das palavras do entrevistado, nada oferecia de novidades.

No presente tópico, ao destacarmos trechos das entrevistas em que os garçons definem a cidade do Rio de Janeiro, a nossa intenção foi mostrar diferentes formas que o migrante tem de significar a cidade, ressaltando a vivência no espaço como elementos que integram a formação desse imaginário. Buscamos ao apresentar esses depoimentos abrir espaço para essas vozes, que, quando postas em conjunto, representam algumas imagens possíveis de serem elaboradas pelos migrantes que vivem na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece impossível saber onde se localiza o término de uma dissertação de mestrado. É preciso desapego para se convencer de que é chegada a hora de ancorar o ponto final. É curiosa inclusive a sensação que compartilhamos com os mais chegados, de que "agora que terminamos é que parecemos ter começado". Entretanto, antes de transformar a busca pelo desfecho ideal em angústia, preferimos entender esse momento como uma pausa merecida/necessária dentro de um processo que não se esgota e ressaltar questões pertinentes do caminho trilhado até aqui.

Pesquisar sobre a relação entre comunicação e migração, dentro do universo dos cearenses que trabalham como garçons no Rio de Janeiro, nos permitiu compreender mais profundamente este "fenômeno" presente no cotidiano da cidade. Antes de destacarmos pontos importantes deste estudo de campo realizado, convém ressaltar momentos do Capítulo I que ajudam a compreender a relação que existe entre crescimento das cidades, migração e a construção da imagem do Rio de Janeiro como eldorado para quem deseja viver dias melhores.

A partir das reflexões de Marly Motta (ver 1.2.2), entendemos que a imagem do rio de Janeiro como esse lugar sonhado pelos migrantes começou a ser construída ainda no século XIX, quando a chegada da família real portuguesa desencadeia uma série de transformações estruturais e simbólicas na cidade que passaria a ser vista como estandarte da cultura nacional.

Conforme apresentamos no Capítulo II, a representativa presença de migrantes do Ceará trabalhando nas mais diversas funções em bares e restaurantes do Rio de Janeiro revelou-se como parte de um processo que envolve relações de amizade e parentesco. Percebemos também que não é somente a garantia de emprego que relaciona a comunidade de garçons cearenses com a questão da migração. O reduto formado por garçons cearenses acaba

por desempenhar funções que extrapolam os limites dos locais de trabalho, interferindo no sentimento de pertencer que os novos migrantes têm com a cidade do Rio de Janeiro.

Na nossa busca de explicações para a "tradição" de cearenses trabalhando como garçons na cidade do Rio de Janeiro, priorizamos os relatos dos próprios sujeitos sobre o contexto no qual estão inseridos. No tópico 2.1, construímos um texto polifônico, do qual participam os garçons entrevistados nesta pesquisa, a fim de tentarmos montar uma versão possível para compreendermos o "fenômeno". "Um vai puxando o outro", disseram-nos tantos garçons. "A gente chega aqui e já vai direto para o restaurante", declarou outro. De depoimento em depoimento, a "tradição", se não totalmente explicada, passou certamente a fazer mais sentido.

Ainda no Capítulo II, abordamos questões sobre a relação que os cearenses, garçons, estabelecem entre si e com a cidade do Rio de Janeiro. A formação de redutos de conterrâneos, como bem são os locais de trabalho dos garçons, desencadeiam práticas de solidariedade entre os migrantes, que ajudam a equilibrar as dificuldades próprias das fases de adaptação em um novo lugar. Ao reconhecerem-se uns nos outros, descobrem formas de pertencer a essa cidade, que, pelo conforto proporcionado pelos conterrâneos, torna-se menos estranha. Nesse sentido, chama atenção o fato de que, a partir desses redutos, a cidade grande transforma-se em lugar onde os encontros são possíveis, conforme ressalta um dos entrevistados: "Você acredita que aqui, essa cidade enorme, conheci pessoas de várias cidades perto da minha? Lá no Ceará eu nunca iria conhecê-las. Aqui muita gente que é do Ceará freqüenta os mesmos lugares e isso proporciona um meio de convívio"[71].

No Capítulo III, ao apresentarmos os motivos que levaram os entrevistados a migrar, a curiosidade em conhecer e experimentar a cidade do Rio de Janeiro, mencionada pelos garçons, possibilita compreendermos que a busca por dias melhores contempla valores e

[71] Sérgio Pereira Neto, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 22 de novembro de 2006.

sentidos que estão além da relação de trabalho. O emprego, nesse sentido, surge tanto como fim quanto como meio para que outros desejos possam ser realizados. Na reflexão que conduzimos ao longo do terceiro capítulo, o discurso teórico sobre o tema da migração é exposto de forma dialógica com as narrativas dos entrevistados sobre a condição migrante e o processo migratório.

Durante o desenvolvimento da presente pesquisa, algumas surpresas. Nas primeiras entrevistas, a importância da comunicação interpessoal entre quem já havia migrado e os migrantes em potencial mostrou-se como questão fundamental a ser trabalhada dentro deste estudo. O imaginário sobre a cidade presente nas narrativas veiculadas pelos meios de comunicação revelava-se menos representativo no que se refere às influências para a migração do que supúnhamos antes de nos aproximarmos dos entrevistados. A partir dessas primeiras entrevistas, as narrativas compartilhadas entre os conterrâneos surgiram como prática social de grande relevância para manter em constante circulação as representações sobre a cidade do Rio de Janeiro. Mais do que isso: essas narrativas sobre a cidade eram para muitos "candidatos" a migrantes a única fonte de conhecimento sobre o Rio de Janeiro para onde eles estavam prestes a migrar. "O pessoal dizia que aqui era bom, que tinha emprego, e a gente acreditava. Pra mim, o Rio de Janeiro era o Papai Noel, só festa, diversão, dinheiro, tudo muito simples, emprego muito simples", afirma o cearense de Reriutaba, José Ribamar.

Antes da conversa com Ribamar, suspeitávamos que as novelas, por exemplo, seriam citadas como fonte de conhecimento sobre o Rio de Janeiro. Nas entrevistas, houve até certa insistência da nossa parte em perguntar se o que eles viam pela televisão sobre o Rio de Janeiro havia motivado a escolha por migrar. Os entrevistados que haviam migrado até meados dos anos 1980 chegaram a mencionar que na época a TV não estava tão presente na vida da cidade, o que é prontamente compreensível, visto que o meio de comunicação não estava tão presente nas residências quanto o que pode ser observado atualmente. No entanto,

surpreendeu-nos saber que mesmo os migrantes que chegaram ao Rio de Janeiro da década de 1990 para cá continuavam a afirmar que a grande fonte de conhecimento sobre a cidade continuava a ser as histórias sobre o Rio de Janeiro contadas pelos conterrâneos que voltavam à sua terra natal.

A partir dos relatos dos entrevistados, identificamos também que, no contato entre quem já havia migrado e aqueles que estavam na iminência de fazer o mesmo, o "convencimento" tornava-se possível não somente por intermédio das representações sobre a cidade do Rio de Janeiro narradas verbalmente. Havia, conforme apresentamos ao final do tópico 4.2.1, um discurso que ecoava por outras vias: o relato que se pronunciava no corpo. "O pessoal chegava melhor do que a gente tava lá, muito melhor. O cara chegava bem vestido, com uma pele melhor, sem aquele queimado do sol; mais bonito, mais aparelhado, se transportando melhor. Uns compravam um carro assim que chegavam"[72]. As diferenças visíveis na cor da pele e no modo de vestir dos cearenses migrantes representavam para os conterrâneos uma forma de também narrar o Rio de Janeiro. Na proclamada cidade maravilhosa, a vida certamente seria melhor do que em Reriutaba, Guaraciaba do Norte, Ipu e arredores.

O comentário sobre a pele ter ficado mais clara depois do cearense ter vindo morar no Rio de Janeiro, bem como as referências às roupas e aos equipamentos tecnológicos adquiridos, abrem espaço para compreendermos esse migrante dentro de um processo que envolve desejo e sedução. No Rio de Janeiro, o migrante teria a possibilidade de ser outro, de experimentar a vida de formas diferentes. Para os conterrâneos, a relação de outro "inventado" se verifica nesse processo e o fato da mudança de vida positiva ter ocorrido com alguém próximo de certa maneira acaba por funcionar como mais um elemento de sedução em relação à cidade grande.

[72] José Ribamar, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 22 de outubro de 2006.

Ao assumirmos a comunicação como processo cultural e de partilha, conforme defende a Escola de Palo Alto (ver Capítulo IV), além de evidenciarmos a importância da comunicação interpessoal no processo migratório em questão, evidenciamos o papel do migrante cearense como sujeito que produz discursos sobre o fenômeno no qual está inserido. Entretanto, estamos certos de que esse migrante, sujeito que representa, é ao mesmo tempo objeto de representações, visto que as narrativas que produz contemplam elementos das narrativas que consome sobre a sua própria condição. Se inúmeros são os discursos sobre a migração, presentes tanto nos meios de comunicação quanto na produção musical, literária e artística em geral, ser sujeito nesse processo é consumir essas representações, transformá-las e compartilhá-las.

Na última parte do Capítulo IV, o Rio de Janeiro imaginado "materializa-se". Nas impressões sobre o primeiro contato com a cidade, as narrativas sobre a cidade continuam a ser elaboradas, agora a partir da experiência vivida dos entrevistados. O inicial estranhamento fascinado de alguns com a grandiosidade e a velocidade da metrópole nos faz lembrar dos relatos sobre a transformação das cidades, ocorridas na virada do século XIX para o XX. Depois de certo tempo morando no Rio de Janeiro, as narrativas dos garçons entrevistados já revelam novos sentidos para a cidade, sentidos estes possíveis a partir da relação mais íntima que se firma. Esse imaginário, conforme apresentamos ao longo deste trabalho, em algum momento romperá com os limites espaciais, e certamente será narrado a outros conterrâneos, despertando ou não curiosidade sobre a cidade, resultando ou não em mais um cearense que elege o Rio de Janeiro para viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade:* a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2003.

_____. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1999.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1979.

BRAGA, Fernando Gomes. *Migração interna e urbanização no Brasil contemporâneo:* um estudo da Rede de Localidades Centrais do Brasil (1980/2000). In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, 2006. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_573.pdf> . Acesso: 30/03/2007.

BRESCIANI, M. S. M. . *Metrópoles* : as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). Revista Brasileira de História, Brasil, v. 5, p. 35-68, 1985.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. 6. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

CANCLINI, Néstor Garcia. *A Globalização imaginada*. São Paulo : Iluminuras, 2003.

_____. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica* : ensaio sobre antropologia da comunicação urbana. 2. ed. São Paulo : Stúdio Nobel, 1997.

CARLEIAL, A. N. *Cultura migratória*. In: XIII Encontro de Estudos populacionais, 2002, Ouro Preto. Anais/ABEP. Belo Horizonte : ABEP, 2002. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_PO42_Carleial_texto.pdf>. Acesso: 08/03/2007.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 3. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

_____. *O Rio de Janeiro e a República*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 5, n. 8/9, p. 117-138, set. 1984/abr. 1985.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CASTRO-GOMEZ, Santiago. *Ciências Sociais, violência epistêmica e o problema da "invenção do outro"*. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. p.169-186. Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/CastroGomez.rtf > Acesso:30/03/2007.

CHARTIER, Roger. *Cultura popular*: revisitando um conceito historiográfico. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995.

CHAVES, Gilmar. *Feira de São Cristóvão*: o nordeste é aqui. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

COSTA, A.M; SCHWARCS, L.M. *Virando séculos*: 1890-1914: no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DOSSE, François. *A História em migalhas*: dos Annales à Nova História. Bauru, SP : EDUSC, 2003.

DURHAM, E. R. Migrantes nacionais. In: Marcondes, J. V. F.; Pimentel, O. (Org.). *Espírito-Povo-Instituições.* São Paulo: Pioneira Ed., 1973.

FEATHERSTONE, M. *O desmanche da cultura:* Globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo : Stúdio Nobel, 1997.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Ver a cidade*. São Paulo: Nobel, 1988.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HALL, Stuart. *Da Diáspora*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

_____. *Identidade e cultura na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HANNERZ, Ulf. Cosmopolitas e locais na cultura global. In: FEATHERSTONE, M. (Org.). *Cultura global*: nacionalismo, globalização e modernidade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEMOS, Renato. *Bem traçadas linhas*: a história do Brasil em cartas pessoais. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

MAFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. *História das teorias da Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MAURO, Frérédric. *O Brasil no tempo de dom Pedro II*. 2 . reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MENEZES, Cláudia C.de S. *A mudança*: análise da ideologia de um grupo de migrantes. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MOTTA, Marly. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PARK, Robert Ezra. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. IN: VELHO, Otávio G.(org.). *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.16, 1995. p. 279-290.

REBELLO, Lêda M. de V. *O banzo do migrante*: embates e ressonâncias da mudança. Dissertação de mestrado (Saúde Pública). ENSP-FIOCRUZ: Rio de Janeiro, 1997.

RESENDE, Fernando. A comunicação social e o espaço púbico contemporâneo**.** *Alceu*: R. de Comunicação, Cultura e Política, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 129-145, jan./jul. 2005.

_____. Ausências na Comunicação Social e no Jornalismo: a lógica da rua. *Oficina do CES*, Coimbra, Portugal, n. 197, p. 1-29, 2003.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza (org.) *Reconhecer para libertar*: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1991

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador*: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVECENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____. *História da vida privada no Brasil, v. 3*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G.(org.) . *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana*: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

WEBER, Max. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, Otávio G.(org.). *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

WEID, E. V. D. *A interferência da eletrificação sobre a cidade. Rio de Janeiro (1857-1914).* In: V Congresso Nacional de História Econômica e VI Conferência Internacional de História de Empresas, 2003, Caxambu. Anais do V Congresso Nacional de História Econômica e VI Conferência Internacional de História de Empresas, 2003. Disponível em <http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_35.pdf>. Acesso em: 02/03/2007.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: d*a teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G.(org.). *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

Jornais impressos

MARQUEIRO, P; SCHIMIDT, S. Os novos migrantes: do pão de queijo ao baião de dois. *O Globo*. Rio de Janeiro, 16 maio 2005.

_____. Pau-de-arara resiste no sertão. *O Globo*. Rio de Janeiro, 17 maio 2005.

_____. Eles constroem, guardam e alimentam o Rio. *O Globo*. Rio de Janeiro, 18 maio 2005.

_____. Serviços e construção civil empregam 43% dos nordestinos que migraram para o estado. *O Globo.* Rio de Janeiro, 19 maio 2005.

_____. Migrantes fazem da Rocinha e da Maré seus principais redutos. *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 maio 2005.

_____. De olhos bem fechados para a violência. *O Globo*. Rio de Janeiro, 21 maio 2005.

_____. De volta à aridez do sertão. *O Globo*. Rio de Janeiro, 22 maio 2005.

MENDES, Taís. Rio das pedras na bandeja. *O Globo*. Rio de Janeiro, 04 fev. 1999.

REIS, Ana Cristina; VEIGA, Hebe. Francisco Alves, o rei do Amarcord. *O Globo*. Rio de Janeiro, 13 mar. 1998.

RODRIGUES, Flávia. Há 20 anos no ramo da comida japonesa. *O Globo*. Rio de Janeiro, 28 abr. 2002.

VASCONCELOS, Nélson. Perfil: Francisco Antônio Rodrigues. *O Globo*. Rio de Janeiro, 11 jan. 2004.

"TODO o prazer do bom atendimento". *O Globo*. Rio de Janeiro, 17 maio 2001.

"SUBINDO na vida : sócios e donos de redes de restaurantes mostram como é duro trabalhar e vencer". *O Globo*. Rio de Janeiro. 27 mar. 1997.

Sites na Internet

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 14/04/2007.

SINDICATO DOS GARÇONS, MAITRES E BARMANS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (SIGABAM). Disponível em: <www.sigabam.com.br>. Acesso em: 04 de março de 2007.